

Luana Silvestre Pereira dos Santos

**A presidenta da capa: Uma comparação entre o uso das
imagens de Dilma Rousseff nas revistas VEJA e CARTA CAPITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto ao Departamento de
Sociologia e Ciência Política da
Universidade Federal de Santa
Catarina sob a orientação do Prof. Dr.
Marcelo S. Serran de Pinho.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

dos Santos, Luana Silvestre Pereira

A presidentista da capa : Uma comparação entre o uso das imagens de Dilma Rousseff nas revistas VEJA e CARTA CAPITAL / Luana Silvestre Pereira dos Santos ; orientador, Marcelo S. Serran Pinho, 2017. 106 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Mídia, política, . I. Pinho, Marcelo S. Serran . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

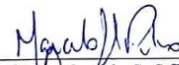
Luana Silvestre Pereira dos Santos

**A PRESIDENTA DA CAPA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE USO
DAS IMAGENS DE DILMA ROUSSEFF NAS REVISTAS VEJA E
CARTA CAPITAL**

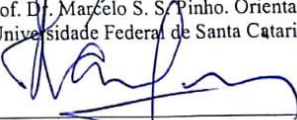
Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, e aprovada em sua forma final pela Comissão examinadora e pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 24 de outubro de 2017.

Prof. Dr. Tiago Bahia Losso
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcelo S. S. Pinho. Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Itamar Aguiar
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Msc. Yasmin Azucena Calmet Ipince

Este trabalho é dedicado a todas as
mulheres periféricas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque sou dessas. Axé.

Agradeço imensamente à minha família por sempre encontrar meios para apoiar minha trajetória acadêmica mesmo que em frente a adversidades, à minha mãe Cristina Silvestre pela sua força e amor, avó Alzira Silvestre pela sua sensibilidade e a minha irmã Letícia por todo o seu carinho. Inenarrável é minha gratidão às estas três, minhas eternas referências de amor, força, resistência e afeto.

Ao meu pai José Martins por me apoiar mesmo que à distância, me mandando mensagens de encorajamento, obrigada por sempre acreditar em mim.

Às amadas Rafa, Carol, Ingrid, Natália, Ayu e Talita que me iluminaram durante esta caminhada, sempre recarregando minhas forças e me trazendo inúmeras alegrias.

À Fafá, pelas conversas e dicas, pois mal sabe ela o quanto significou para mim sua ajuda no desenrolar deste trabalho.

À queridíssima Nanni por sempre me ajudar a encarar os desafios do cotidiano de forma mais leve, bem como à Prof^a Marta Verdi, Luzilena, Neca, Melisse, Mirelle e os demais membros do NUPEBISC que tanto me inspiram a crescer.

À Carol Olivian me acolher durante todo este período, a conclusão deste trabalho se dá graças à prática de resiliência que exercemos juntas, a ti serei eternamente grata.

Ao orientador Marcelo Serran, provavelmente o professor mais compreensivo e gentil com quem eu poderia ter trabalhado na elaboração deste trabalho, a ele estendo minha gratidão por sua empatia, leveza e companheirismo durante todo o processo. Você certamente fará diferença na vida de vários estudantes como fez na minha. É tois!

A todos que ajudaram direta ou indiretamente no meu percurso, aos colegas de curso, a Rose e o Rogério da secretária, ao corpo docente, e à UFSC.

RESUMO

O presente trabalho trata da análise comparativa entre capas de revistas publicadas pelos periódicos VEJA e Carta Capital durante o governo Dilma, objetivando averiguar como meios de comunicação com público-alvo distinto atuam na construção da imagem pública de Dilma.

Palavras-chave: Mídia, Política, Análise de Conteúdo

ABSTRACT

The present work deals with the comparative analysis of magazine covers published by VEJA and Carta Capital during Dilma's Rousseff government, aiming to ascertain how means of communication with distinct target public act in the construction of how they portrayed Dilma to the public.

Keywords: Media, Politics, Content

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquemático de categorias	61
Figura 2. Veja - Edição 2012.....	62
Figura 3. Veja - Edição 2014.....	63
Figura 4. Quadro comparativo de imagens centrais	64
Figura 5. Quadro comparativo - Charges na revista Veja.....	65
Figura 6. Veja - Edição março de 2015	65
Figura 7. Veja – Edição de Outubro de 2010	66
Figura 8. Quadro comparativo – Cores.....	67
Figura 9. Esquemático - Imagens periféricas	69
Figura 10 . Veja - Janeiro de 2015.....	70
Figura 11. Quadro comparativo imagens centrais - Carta Capital	71
Figura 12. Quadro comparativo de foto-montagens na Carta Capital	72
Figura 13. Carta Capital - Outubro de 2012	73
Figura 14. Carta Capital - Setembro de 2015	73
Figura 15. Carta Capital - Julho de 2011	74
Figura 16. Quadro comparativo de foto-montagens - Carta Capital 2	75
Figura 17. Quadro comparativo - cores na Carta Capital	76
Figura 18. Quadro comparativo mensagens na Veja e Carta Capital	77
Figura 19. Capa de Abril de 2016 - VEJA / Capa de Julho de 2016 - Carta Capital	78
Figura 20. Carta Capital - novembro de 2014	79
Figura 21. Carta Capital - Julho de 2015.....	80
Figura 22. Quadro comparativo Veja	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Sumário

1 Introdução.....	27
2 Política e mídia: o percurso da presidenta e o contexto de produção da opinião pública pelos meios de comunicação de massa	28
2.1 Trajetória histórica e política de Dilma Rousseff.....	28
2.2 Dilma e o partido dos trabalhadores na era Pós-Lula.....	30
2.3 Dilma Rousseff enquanto a primeira presidenta do brasil.....	35
2.4 Contextualização sobre a escolha das revistas Veja e Carta Capital.....	40
3 Marco metodológico e teorico para a analise das capas de revista	43
3.1 O campo da comunicação: formas de visão e divisão do mundo político.....	43
3.2 Comunicação e política: postulações sobre a opinião pública	45
3.3 Reflexões opinião pública e análise de discurso	47
3.4 Análise de conteúdo	52
4 Análise das capas de revistas	60
4.1 Processo de coleta e análise de dados	60
4.2 As capas da veja e a imagem da presidenta.....	62
4.3 As capas da Carta Capital e a imagem da presidenta.	71
4.4 Comparando aproximações e distanciamentos no conteúdo das duas mídias.....	77
5 Considerações Finais.....	82
6 Referências.....	85
7 Anexos	88

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o Brasil vem atravessando uma transformação no âmbito das tecnologias de comunicação, resultando em uma constante revolução dos meios de interação social e da velocidade com a qual as informações circulam em sociedade.

Tamanhas mudanças perpassam por distintos campos de interação social como o campo político, que lida com a necessidade de adaptação e articulação com esses meios com o propósito de potencializar o diálogo entre políticos e cidadão. A adaptação entre campo político e mídia foi fortificada pela popularização do acesso à TV, jornal, revista e mais recentemente pela *internet*, sendo estas, fontes informativas que englobam e transmitem as mais diferenciadas formas de informação, contemplando da política ao entretenimento.

Enquanto veículos de transmissão de informação a população, estes meios recebem por parte da população um alto grau de confiabilidade no que é transmitido, contudo, é necessário abordar quanto estudos acadêmicos vêm trazendo que independente do discurso, a ausência de neutralidade no discurso se estende desde o cidadão mais comum até qualquer veículo de comunicação, sejam eles noticiários, redes sociais, etc. Não importa de onde venha informação, ela está regada das ideologias de seu transmissor.

Logo, o próprio ato de comunicar traz em si escolhas, conotações e jogos de palavras que revelam posicionamentos políticos, culturais, éticos e de toda a ordem.

Somando aspectos textuais e visuais na hora de comunicar, as revistas dispõem de suas capas para chamar a atenção do público aos tópicos de maior interesse, atingindo um público que abrange os compradores assíduos, os fiéis a mídia escrita ou até mesmo aqueles mesmo que apenas visualizam as capas são capazes de tirar suas próprias conclusões sobre os assuntos dentro do periódico, afinal, a organização da capa busca sintetizar ideias centrais que apresentem o conteúdo da revista ao público.

Tomando as capas como objeto de análise, este trabalho se ocupa com a análise das capas de revistas observando qual tratamento foi inferido sob a figura pública de Dilma Rousseff, analisando como

imagem e enunciados constroem narrativas acerca de uma personagem chave no cenário político.

Aqui se busca compreender com quais dinâmicas os periódicos VEJA e Carta Capital utilizaram ao vincular a imagem de Dilma Rousseff à suas capas, o estudo tangencia o período de 2010 a 2016, no qual Dilma esteve em exercício como presidenta da república, ao retratar a imagem de Rousseff em seu período de governo.

2. POLÍTICA E MÍDIA: O PERCURSO DA PRESIDENTA E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

2.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA DE DILMA ROUSSEFF

Nascida em Belo Horizonte – Minas Gerais, em 14 de dezembro de 1947, Dilma Vana Rousseff é filha do meio do búlgaro Pedro Rousseff e da brasileira Jane da Silva. Dilma passou a infância e seus estudos tomaram lugar no Colégio Nossa Senhora de Sion e mais tarde no Colégio Estadual Central¹.

Dilma desenvolve desde jovem o gosto pela política, sendo influenciada pela intelectualidade de seu pai, tal como explicitado na biografia de Dilma “A vida quer é coragem” redigida pelo jornalista Roberto Amaral em 2011. Obra na qual, o leitor pode perceber as inclinações de Dilma ao estudo e militância política jovem.

A ex-presidenta frequentou o Colégio Estadual, instituição de difícil acesso dada a bateria de exames exigida para o ingresso e cujo corpo estudantil representava a juventude intelectual da época. De acordo com Amaral (2011), o ambiente do colégio a estimulou a integrar organizações como a Polop - Organização Revolucionária Marxista Política Operária, que sua posição de militância contra o Regime Militar, a qual se torna um marco em sua história política.

¹ Informações disponíveis em: < <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia> >.

Rousseff atua em diversas frentes de oposição ao governo, casa-se, ingressa e atua na clandestinidade até sua prisão em 1970, momento em que permanece sob a tortura física, psicológica, internações e condições insalubres até sua soltura em 1973. Livre, Rousseff parte para Porto Alegre – RS para manter-se próxima ao marido ainda em cárcere nas proximidades da capital gaúcha.

Após a prisão e estabelecimento na capital gaúcha, Rousseff ingressa no curso de economia na Universidade do Rio Grande do Sul, formação que abre possibilidade de trabalho na Fundação de Economia e Estatística (FEE). Em meio a mudanças, vem o nascimento de sua filha única Paula Araújo.²

Com a campanha pela anistia em 1979, Dilma volta a se dedicar a prática política dado o período de abertura política, que embora ainda comandado pelos militares, abriu a possibilidade de debates, propostas e críticas ao governo. A abertura política propiciou a Dilma e Carlos, a se articularem com outros intelectuais do estado, contatos que originaram a fundação do Partido Democrático Trabalhista – PDT no Rio Grande do Sul.

No PDT, Dilma atuou como assessora da bancada estadual entre 1980 e 1985, de onde assume como Secretária da Fazenda. A atuação em cargos de gestão torna-se uma constante em sua trajetória, dentre os cargos neste ramo destacam-se sua atuação na diretoria geral da Câmara Municipal de Porto Alegre (1989), em seguida participa da campanha de Leonel Brizola no primeiro turno e a de Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores – PT no segundo turno.

No início da década da década de 1990 regressa à FEE para assumir a presidência da instituição, função ocupada por três anos e da qual parte para atuar como Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. Ao final da década, Rousseff dá início à sua tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas, que vem a deixar de lado quando se envolve com a campanha sucessória do governo gaúcho, ainda participando dos movimentos organizados pelo PDT.

Neste mesmo período acontece a aliança entre PDT e PT que elege Olívio Dutra como governador. Na nova gestão, Dilma assume novamente a Secretária de Energia, Minas e Comunicação. Essa aproximação entre os partidos resultou na filiação de Dilma ao PT dois anos mais tarde, motivada pelas conexões feitas e interesse expresso por Lula no trabalho que vinha realizando na secretária em que trabalhou

² Informações sobre carreira e atuação política disponíveis em:
< https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff >

impedindo o racionamento de energia no Rio Grande do Sul durante 2001.

Com a posse de Lula a presidência em 2002, Dilma é convidada para participar na arquitetura da transição entre o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) e Lula (2003 – 2010), período em que é lhe inteirada a posição de Ministra de Minas e Energia.

A posição como Ministra perdura por três anos que implicam em grandes reformulações no setor, na criação do marco regulatório (leis, regulamentos e normas técnicas) para as práticas relacionadas às Minas e Energia no país, a introdução do biodiesel na matriz energética brasileira, a presidência do conselho de Administração da Petrobrás e criação o programa Luz para Todos³.

O desempenho como ministra rende a indicação para chefia da Casa Civil, que lhe confere a coordenação do ministério durante 2005 juntamente, a coordenação de programas como Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), programa de habitação Minha Casa, Minha Vida e a Comissão Interministerial.

Em março de 2010, o PAC entra em sua segunda fase, a popularidade de Dilma começa a crescer e em abril do mesmo ano ela abdica do cargo para dedicar-se a sua candidatura a presidência.

2.2 DILMA E O PARTIDO DOS TRABALHADORES NA ERA PÓS-LULA

Após o afastamento do Governo Federal em três de abril de 2010, a candidatura de Dilma Rousseff é oficializa em junho, momento que demarca o surgimento de uma nova era para o partido. Em outubro do mesmo ano Dilma é eleita presidenta tendo um total 55,7 milhões de votos⁴ (56,05%) no segundo turno, derrotando seu oponente José Serra do PMDB.

Em linhas gerais, seu primeiro mandato se sobressai por marcar historicamente à primeira vez que uma mulher assume a presidência do país, bem como colhe os frutos do governo Lula por uma larga aprovação do público, contínuos investimentos em programas sociais e o desvelamento de esquemas de corrupção no cenário político.

³ Informações disponíveis em: <
<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia>>.

⁴ Informação disponível em:
<<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2010/2turno/>>.

Cruzar o marco de primeira mulher a assumir a presidência, contribuiu para alavancar a imagem a imagem de Dilma na mídia internacional, encontrando seu mais alto pico no discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU em 2011.

No espectro da gestão propriamente dita, os primeiros anos foram marcados pela continuidade das ações implantadas no governo Lula, assegurando a abertura de ações e programas para inclusão social, reparação de desigualdades que se ancoram em programas como Bolsa Família e Brasil Sem Miséria. Segundo os números, neste período de quase vinte anos, 36 milhões⁵ de brasileiros saíram dos indicadores de pobreza - sendo 22 milhões a partir da gestão de Dilma.

Os anos entre 2011 – 2014 são marcados por eventos como o leilão do Campo de Libra no Pré-Sal, que deverá gerar R\$ 638 bilhões em recursos voltados para saúde e educação; a implantação do programa Mais Médicos, (visava nutrir Sistema Único de Saúde com mais de 14 mil médicos do Brasil e exterior) e a criação de mais vagas para graduação em medicina e residência médica.

Esta fase do governo também se destaca na inauguração de novas universidades e programas como PRONATEC, ProUni, Fies e Ciências sem Fronteiras. Dá-se destaque também ao Marco Civil da *internet*, momento que demarca o Brasil como primeiro país a ter uma lei consolidada que sinaliza a internet como um espaço livre e democrático.

Investimentos em mobilidade urbana; eventos desportivos como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol; contribuição para a macroeconomia, cuja dívida líquida do país entre 2002 e 2014N caiu de 60% para 35% do PIB; para a acumulação de US\$ 380 bilhões de reservas cambiais⁶.

Em paralelo, o contexto do governo começa a tornar-se mais crítico frente à percepção da opinião pública, vem à tona um grande número de casos de corrupção envolvendo parlamentares, incluindo figuras da cúpula do PT atuantes desde o governo Lula, em casos como Antônio Palocci, José Dirceu e José Genoíno.

⁵ Informação disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/conheca-a-trajetoria-da-presidenta-dilma-rousseff>>

⁶ Informação disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/conheca-a-trajetoria-da-presidenta-dilma-rousseff>>

Frente a este cenário, a gestão de Dilma logo no início da gestão atua no processo que a imprensa vem a denominar como “faxina ética”, caracteriza pelo afastamento de parlamentares envolvidos em casos de corrupção.

Para além das questões de corrupção, o governo de Dilma recebeu críticas quanto à economia do país, ao assumir a presidência, a gestão ainda lidava com resquícios da crise econômica mundial de 2007 – 2008, tópicos de crítica foram a desaceleração no crescimento econômico, diminuição gradual do PIB, retorno de altos níveis de inflação e desemprego. A desaceleração da economia acompanhou o governo desde seu primeiro ano, marcado por um crescimento de 2,7% de 2010 para 2011.

Também se destacam os comentários quanto a de Dilma entre os membros do Congresso, disputas entre coalizões aliadas ao PT e a insatisfação expressa por vários parlamentares por um baixo nível de atendimento de Dilma para com eles.

As tensões interpartidárias que se construíram foram brevemente apaziguadas pela articulação comandada por Aloizio Mercadante e Rui Falcão⁷, que visavam cessar as rugas entre o Palácio do Planalto e o PMDB, partindo da premissa da liberação de emendas e apoio na tramitação de medidas provisórias. O principal foco da articulação era restaurar o animo dos aliados para a manutenção do apoio ao PT durante a recandidatura de Dilma que aconteceria mais tarde em 2014.

Em 2013, junto às dificuldades do governo, protestos que embora tenham começado com a pauta do aumento das tarifas de transporte, culminaram em momentos de expressão da desaprovação quanto ao andamento do governo e seus investimentos. Dentre os principais descontentamentos da população estavam a recorrente incidência de crimes de corrupção, falta de investimento nas áreas de saúde e educação bem como, a grande desaprovação quanto aos gastos implicados na Copa do Mundo de Futebol⁸.

De 2014 em diante, tanto a gestão quanto a imagem do PT foram ainda mais abaladas pelo desvelamento do esquema de lavagem e desvio de dinheiro que veio a ser intitulado de Operação Lava-Jato.

⁷ Informação disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37207258> >.

⁸ Informações disponíveis em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013 >.

Constituída por fases, a operação teve suas etapas amplamente divulgadas e envolvendo a elite política, instituições como a Petrobras e empresas de renome como a Odebrecht e JBS.

No segundo semestre de 2014 ocorreram eleições presidenciais mais acirradas da história do país, da qual Dilma Rousseff foi vencedora em mais de 15 anos, recebendo 51, 64% dos votos⁹ e derrotando Aécio Neves.

O clima de polarização de opiniões sobre a reeleição da candidata do PT perdurou pelos meses seguintes e fatores como o ajuste fiscal e o aumento das taxas de desemprego as perspectivas desfavoráveis à conduta de Dilma.

A queda de indicadores econômicos, que mesmo com reformulações no ministério da economia e o ajuste fiscal introduzido por Joaquim Levy para recomposição de receitas visando o reequilíbrio das contas públicas sendo popularizado como “pacote de maldades” entre a população. O pacote que tinha como premissa aumentar a arrecadação federal para retomada do crescimento econômico, incluía medidas provisórias que modificaram o acesso a direitos previdenciários como seguro-desemprego, pensão por morte, ajustes nos preços de combustíveis e eletricidade.

Os dados da economia do país são suscitados como agravantes desta fase pelos noticiários que citam constantemente elementos como a queda do PIB 3,8%; dificuldade na relação entre a gestão e congresso; aumento de taxas e alta inflação em 7%; o mercado de trabalho em piora.

Ainda em 2015, pesquisas apontando a reprovação da gestão em 62% começam a circular na mídia, no mesmo período surgem protestos expressando nas ruas e pedindo o combate à corrupção e saída de Dilma e o PT do governo.

No mesmo ano ocorre a ruptura da aliança entre PT e PMDB, partido do então vice-presidente Michel Temer, cisão que demarca um distanciamento ainda maior entre a presidenta e o parlamento, bem como as primeiras narrativas sobre a abertura de processos de *impeachment* contra a presidenta.

Dentre outros eventos que tomaram lugar neste período de destacam a tentativa de elenar Lula a posição de Ministro da Casa Civil, novas manifestações sociais, a saída de partidos como PRB da base aliada agravaram as disputas internas de poder, culminando no

⁹ Informações disponíveis em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37207258> >

aceite de Eduardo Cunha em dezembro de 2015 do processo de *impeachment*¹⁰ de Rousseff.

A questão do processo foi interpretada pelo público e pela mídia sob duas perspectivas: a narrativa de impeachment por crime de irresponsabilidade e a compreensão do tramite do processo como um golpe à democracia. Esse reconhecimento se dá pelas circunstâncias da articulação do processo, o não reconhecimento da existência de um crime de responsabilidade fiscal e a observação da orquestração deste como um ato de destituição do governante eleito pela articulação entre parlamento e judiciário¹¹.

Dilma Rousseff terminou afastada de suas funções em 12 de maio de 2015, o processo teve seu encerramento em agosto de 2016, passando pelo crivo da Câmara dos Deputados e Senado Federal, onde fora realizada sua sanção de perda do cargo de Presidenta da República.

A queda de indicadores econômicos, que mesmo com reformulações no ministério da economia e o ajuste fiscal introduzido por Joaquim Levy para recomposição de receitas visando o reequilíbrio das contas públicas sendo popularizado como “pacote de maldades” entre a população. O pacote que tinha como premissa aumentar a arrecadação federal para retomada do crescimento econômico, incluía medidas provisórias que modificaram o acesso a direitos previdenciários como seguro-desemprego, pensão por morte, ajustes nos preços de combustíveis e eletricidade.

Os dados da economia do país são repetidamente suscitados como agravantes desta fase pelos noticiários que citam constantemente elementos como a queda do PIB 3,8%; dificuldade na relação entre a gestão e congresso; aumento de taxas e alta inflação em 7%; o mercado de trabalho em piora.

Ainda em 2015, pesquisas apontando a reprovação da gestão em 62% começam a circular na mídia, no mesmo período surgem protestos expressando nas ruas e pedindo o combate à corrupção e saída de Dilma e o PT do governo.

No mesmo ano ocorre a ruptura da aliança entre PT e PMDB, partido do então vice-presidente Michel Temer, cisão que demarca um distanciamento ainda maior entre a presidenta e o parlamento, bem

¹⁰ Informações disponíveis em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff#Impeachment >.

¹¹ Informações disponíveis em: <
<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/07/impeachment-de-dilma-e-golpe-de-estado-decide-tribunal-internacional-2792.html> >

como as primeiras narrativas sobre a abertura de processos de *impeachment* contra a presidenta.

Dentre outros eventos que tomaram lugar neste período de destacam a tentativa de elencar Lula a posição de Ministro da Casa Civil, novas manifestações sociais, a saída de partidos como PRB da base aliada agravaram as disputas internas de poder, culminando no aceite de Eduardo Cunha em dezembro de 2015 do processo de *impeachment*¹² de Rousseff.

A questão do processo foi interpretada pelo público e pela mídia sob duas perspectivas: a narrativa de impeachment por crime de irresponsabilidade e a compreensão do tramite do processo como um golpe à democracia. Esse reconhecimento se dá pelas circunstâncias da articulação do processo, o não reconhecimento da existência de um crime de responsabilidade fiscal e a observação da orquestração deste como um ato de destituição do governante eleito pela articulação entre parlamento e judiciário¹³.

Dilma Rousseff terminou afastada de suas funções em 12 de maio de 2015, o processo teve seu encerramento em agosto de 2016, passando pelo crivo da Câmara dos Deputados e Senado Federal, onde fora realizada sua sanção de perda do cargo de Presidenta da República.

2.3 DILMA ROUSSEFF ENQUANTO A PRIMEIRA PRESIDENTA DO BRASIL.

Contemplando a trajetória de altos e baixos que demarcam o governo Dilma, a proposição de olhar para as possibilidades de construção de sua imagem torna-se intrigante, sobretudo dada à amplitude de olhares que a ela podem ser direcionados. A rede de percepções que podem ser voltadas a uma figura pública tem o potencial de tomar rumos diversos, no caso de Dilma Rousseff, a polarização de opiniões imperou durante sua trajetória. Conforme a noção de imagem pública, Gomes (2004) define:

“A imagem pública de um sujeito qualquer é, pois, um complexo de informações, noções, conceitos,

¹² Informações disponíveis em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff#Impeachment >.

¹³ Informações disponíveis em: <
<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/07/impeachment-de-dilma-e-golpe-de-estado-decide-tribunal-internacional-2792.html> >

partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam. Imagens Públicas são concepções caracterizadoras. (...) Caracterizar, portanto, é estabelecer uma personalidade e uma personagem, uma forma de existência em si mesma e uma forma de existência para fora, de existência representacional, de imagem”. (GOMES, 2004, p.254-255)

Este tipo de preocupação com a formação de uma imagem pública abrange da campanha eleitoral as fontes de crítica, no que cabe à prática política, erguer e manter uma imagem que agrade o público demarca o sucesso daqueles que trilham o percurso político.

Neste tópico, serão explorados artigos que fazem colocações quanto a processos de construção de imagem da imagem pública de Dilma, permitindo a sinalização quanto ao que vem sendo produzido acerca da temática, bem como, contextualizando que ideias circularam em meio ao contexto do governo.

Ao investigar como a campanha eleitoral de Dilma em 2010 visou a construção de sua imagem pública, Pires (2011) levanta como as primeiras aparições de Dilma precedem sua candidatura, trazendo seus feitos enquanto ministra e depois Chefe da Casa Civil. Visando compreender a construção de uma imagem iniciada tão à margem de uma nova eleição, Pires (2011) realizou pesquisa hemerográfica, na qual percebe como o epíteto “mãe do povo” é estendido à Dilma durante a propaganda eleitoral de 2010.

Pires (2011) aponta que o alicerce da colocação “mãe do povo” tem seus passos iniciais na época do lançamento do PAC em 2008, momento em que Lula qualifica a participação de Dilma no projeto ao utilizar uma metáfora, onde sublinhava que a dedicação dela ao programa seria comparada como a de uma mãe a seu filho.

O uso desta metáfora referencia ao cuidado, afeto e rigidez do acompanhamento que Dilma exercia para com o projeto, tal como enaltecia suas capacidades de gestão. Segundo Pires (2011), a ideia de *cuidado* é inclusa na própria maneira com a qual Lula se referenciava ao explicar seu modo de governar, o mesmo ‘cuidado’ com o povo brasileiro de sua gestão teria afinidade com a forma de gestão de Dilma.

Pires (2011) percebe que o uso do epíteto de “mãe do povo” lidera a concepção de Dilma de um modo afetivo, colocando o Estado enquanto Lar, o que permitiria que afeição dedicada a Lula caísse sobre ela.

Neste caso, ressaltando como qualidade o cuidado de cunho maternal que usualmente transmite a ideia de acolhimento e carinho, estratégia comumente utilizada na propaganda de mulheres na política.

As qualidades ligadas à ideia de “mãe do povo” amenizam a imagem séria de Rousseff, articulam a noção de continuidade do cuidado da população, frisando que sua gestão teria como preocupação o bem-estar da população como um todo. Nota-se que para além desta construção de uma imagem maternal para Dilma, também são articuladas outras ideias acerca de ‘ser mulher’ que rendem ambivalências à construção desta imagem.

Dilma é representada pela força e coragem. (...) A sua campanha foi pautada nesses dois eixos: a imagem de uma mulher forte ao lado da figura maternal. Essa ambivalência é comum quando se trata da construção de candidaturas femininas, visto que uma das características desse fenômeno político-social é justamente a utilização de discursos que destaquem as qualidades tidas como femininas, o lado maternal, o cuidado, o zelo; mas também reforça a ideia da mulher forte, capacitada, aquela que sabe cuidar do espaço público, comandar, decidir. (LIMA, 2016. p.5).

A ambivalência na construção da imagem tem uma profunda relação com o contexto das mulheres ocupando cargos políticos no Brasil. Quando analisada a imagem ou participação política que implique uma mulher, é necessário considerar como o campo da mídia é parte de um todo social no qual a diferenciação entre gêneros operam efetivamente moldando as relações sociais.

Outra análise em torno da imagem de Dilma é feita por Lima (2016), e se circunscreve acerca da construção da imagem pública de Rousseff em espaços virtuais como as redes sociais, focalizando as eleições de 2014.

Lima (2016) demarca uma questão temporal interessante, se na contextualização já é possível notar como da intensa aprovação o governo decaía drasticamente após as eleições de 2014, a autora agrega ao realizar um acompanhamento das repercussões atuaram em uma desconstrução da imagem de Rousseff.

As eleições de 2010 e 2014 tiveram destaque pela movimentação de opiniões e emergência de polêmicas quanto às eleições nas redes sociais, isso possibilitou a atuação de modo mais intenso na construção e desconstrução da imagem pública de Dilma

através de páginas nas redes sociais. Para a autora, o ciberespaço exerce um diferencial neste processo:

Construção e desconstrução da imagem dos candidatos durante o processo eleitoral faz parte do espetáculo político. O candidato ou candidata deve se apresentar e encenar a fim de convencer o público, ou seja, os votantes. Toda a imagem do postulante passada através dos veículos de informação tem o objetivo de orientar a escolha do eleitor. No ciberespaço essas informações tomam uma dimensão completamente diferente da que pode ser percebida na televisão, pois o ciberespaço permite a interação dos atores políticos envolvidos. (LIMA, 2016).

O que Lima (2016) averigua sobre o caso de Dilma, é que já em 2010 durante a campanha eleitoral o ciberespaço já dava indícios de estar mais aberto a exercícios de problematização, crítica e contemplações generalizadas quanto a questões da mulher na política. O que aponta principalmente às proporções que estas ações tomaram em 2014, ano em que o país viu sua mais acirrada eleição.

Com a democratização da internet o acesso maior a aparelhos tecnológicos que permitem com maior facilidade o uso da rede, os brasileiros fizeram dessa eleição, a eleição virtual. Debates, discussões acaloradas, trocas de farpas entre os candidatos e piadas sobre os postulantes, estiveram em alta durante o período eleitoral. Se por um lado, o uso da internet, nesse período de campanha eleitoral, trouxe o eleitor para perto da política cotidiana, por outro lado, instaurou um clima de disputas e rivalidades fazendo com que os usuários da rede se dividissem entre oposição e governistas (Lima, 2016.p.4).

Ao passo que 2010 se tornou um marco na utilização do *ciberespaço* para os interesses de divulgação da eleição. Em 2014, o uso do virtual reverbera de outra forma, trazendo momentos de agressividade e uma relação antagonica entre atores a favor e contra a gestão de Dilma.

Tomar estas formas de operar com a imagem pública, mesmo que distantes, referem a uma construção de si para o outro e a segunda, a repercussão desta entre uma parcela da população, auxiliam a

contextualizar o quão diversa podem ser as intenções e interpretações quanto a imagem ao olhar público.

É necessário reconhecer como estas construções e desconstruções operam e o modo como os veículos de informação estão atrelados ao fundo destas expressões.

Em seu levantamento de dados, Lima (2016) identificou uma onda de páginas, blogs, perfis online, depreciando e atacando a imagem de Dilma apelando para abordagens que visam ataques misóginos, questionam sua competência e buscam a associar aos escândalos de corrupção recorrentes.

Quando é acionada a categoria gênero no contexto do universo político é preciso salientar que a construção dos discursos e imagens por parte dos atores políticos depende da forma como se dão as relações sociais entre homens e mulheres. As diferenças na maneira como os atores agem dentro da esfera política diz muito sobre as expectativas da sociedade a respeito dos papéis sociais de mulheres e homens”. (LIMA, 2016, p.4).

Olhando para ambos os estudos articulados, pode-se notar que a presença e repetição de estereótipos estiveram marcadas nas possíveis construções e desconstruções da imagem de Dilma. Tanto por parte do público quanto por parte do marketing do partido, até seus desdobramentos independentes no ciberespaço onde por vezes se repetiu sua imagem com as ideias “mãe do povo”, “mulher de garra, coragem” ou os depreciativos como “Dilma sapatão”, “Dilma Vadia”.

Esses estereótipos são reproduzidos de acordo com o modus operandi específico dos meios de comunicação de massa, que envolve as rotinas de produção do noticiário jornalístico e as perspectivas sociais dos jornalistas. Esses estereótipos consistem, assim, em narrativas cristalizadas que são ativadas na medida em que os holofotes se voltam para as mulheres políticas.” (BIROLI, Flávia. 2009, p. 273).

Ambos os trabalhos auxiliam na percepção de um panorama das possibilidades de construção de uma figura pública, visando exemplificar como a partir do momento que se predispõe o lançamento de uma imagem, os atores possuem suas intencionalidades do que querem transmitir ou omitir, bem como a receptividade do outro a esta imagem pode liderar a qualquer tipo de especulação.

Outro viés também acerca aos fatores de gênero, sendo ressaltados na construção da imagem pública de uma mulher ao assumir um cargo de alta patente em um ambiente masculinizado como o político, cujo mesmo não sendo o elemento principal a discutir, ressoa ao fundo de qualquer discussão acerca da imagem pública de uma mulher.

2.4 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A ESCOLHA DAS REVISTAS VEJA E CARTA CAPITAL

A revista *Veja* foi fundada no ano 1948 por Victor Civita, sua criação pela Editora Abril parte de inspiração na revista norte-americana *Times* – dada a inspiração do filho de Victor, Roberto Civita que chegou a trabalhar na sucursal da *Time* no Japão. O objetivo era a distribuição de uma revista que seguisse os moldes da *Times* e pudesse ser vinculada no Brasil¹⁴.

O primeiro exercício para a formação da VEJA, foi criar uma revista mensal chamada *Realidade*, chegando a ter 400 mil exemplares vendidos ao mês, sucesso que motivou a família Civita a tornar esse modelo de revista em um semanário, característica que se mantém até o presente. Para a criação do semanário o grupo Abril convidou para posição de editor da revista *Mino Carta*, então editor *Jornal da tarde*, para ajudar nos primeiros esboços do que viria a ser a VEJA.

Em conjunto a equipe de criação da VEJA acompanhou a produção das cinco maiores revistas semanais europeias e estadunidenses, observando como estruturavam seu sucesso e dinâmica. Ao seu lançamento, o primeiro *slogan* já demarcava o intento da revista no mercado afirmando: “A *veja* quer ser a grande revista semanal de informação para todos os brasileiros”.

As primeiras tiragens obtiveram grande sucesso em suas tiragens, contudo, o ato institucional nº5¹⁵ instaurou que os meios de informação tivessem seu material analisado e censurado caso necessário, o que prejudicou a tiragem da revista, situação somente contorna com a estratégia equilibrar os gastos e lucros através do aporte financeiro

¹⁴ Informações disponíveis em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Veja> >

¹⁵ O Ato Institucional nº5 – AI-5 foi baixado em dezembro de 1968 durante o regime militar e continha uma série de medidas que favoreciam aos militares na manutenção do poder, dentre estas, a censura prévia de música, cinema, televisão, teatro e da imprensa em geral. Fonte: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>.

fornecido pelas assinaturas da revista, elemento que ainda hoje é chave para sua manutenção.

O posicionamento político do editorial vem se transformando com ao longo de sua história, nas primeiras décadas a revista foi contemporânea a todo o regime militar e adotava uma linha de pensamento centrista e de centro-esquerda que após a dissolução da ditadura se aproxima e firma a chegada dos anos 2000, como liberal. A revista também está envolvida em polêmicas e é alvo de críticas de outros veículos de informação que reprovam sua forma de noticiar, compreendendo o posicionamento da revista como tendencioso.

Formada cerca de vinte anos depois da Veja, a Carta Capital¹⁶ é uma revista que mais jovem e com uma contraproposta, formada por um dos formuladores da própria VEJA, Mino Carta. A Carta Capital foi fundada em 1994 e suas edições foram mensais até o início dos anos 2000, quando sua tiragem se torna quinzenal e posteriormente semanal.

O objetivo por trás da criação da revista era proporcionar ao público uma alternativa às revistas de circulação maciça como VEJA e ISTOÉ, sua tiragem é menor e se aproxima dos 75 mil exemplares, o que permitiu à revista se diferenciarse pelo exercício de exposição de uma análise crítica das notícias. Como a VEJA, a revista também passa por polêmicas como venda de reportagens a favor do governo Lula por exemplo.

A escolha de ambas as revistas para o exercício se dá pelas suas proeminentes singularidades e distinções. Ambas se categorizam como semanários e apresentam ao público notícias dentro de categorias como política, economia, cultura e sociedade (com o adendo à relação da VEJA com a tecnologia).

A distinção entre elas se caracterizam no olhar lançado sobre os acontecimentos e viés de exposição, tendo como subsídio o pressuposto de seus posicionamentos políticos são conflitantes, uma trabalhando com uma concepção mais liberal e outra com uma visão de esquerda em sua redação.

¹⁶ Informações disponíveis em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/CartaCapital> >.

3 MARCO METODOLOGICO E TEORICO PARA A ANALISE DAS CAPAS DE REVISTA

3.1 O CAMPO DA COMUNICAÇÃO: FORMAS DE VISÃO E DIVISÃO DO MUNDO POLÍTICO

Para adentrar a reflexão quanto aos impactos sobre formulações de uma imagem pública, precisam-se elencar alguns pontos para a reflexão nas relações entre mídia e política. Primeiro, levantando algumas perspectivas quanto às pesquisas sobre a dinâmica entre mídia que vem sendo concebidas do início do século XXI e sendo constantemente reformuladas.

Miguel (2004, p.7) postula que a quantidade de tempo que a população utiliza ao consumir o entretenimento oferecido por via das mídias configura em um dado que auxilia na compreensão da importância de se entender a mídia como impactante na dimensão social.

Recorre-se aqui, ao conceito de *campo* desenvolvido por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, produtor de conceitos que viabilizam para esta monografia a busca da compreensão entre as relações entre mídia e política em um sentido mais amplo.

Neste trabalho adota-se o conceito de *campo* como elemento para a compreensão da dimensão mais ampla da relação entre mídia e política, para Bourdieu (1987), os campos se caracterizam como espaços sociais podendo ou não ser restritos, nos quais ações individuais e coletivas podem ocorrer dentro de uma normatização.

Bourdieu (1987) reconhece estes espaços como estruturas que se forjam em uma dinâmica, na qual estão estruturados ao mesmo tempo em que estão constantemente se estruturando, reconhecendo que as ações dos agentes que pelos campos transitam também podem a vir modifica-los com tempo.

O autor demonstra que os campos possuem suas próprias regras, princípios e hierarquias, definidos a partir dos conflitos e tensões que cabem em seu espaço e se resultam da formação de redes de relações ou oposições entre os atores sociais que por estes campos transitam.

Vale recordar, que campos não são isolados e originam espaços sociais nos quais interagem com outros campos, o que os torna mais

abrangentes e multifacetados. A interação entre campos configura a razão ao resgate da conceituação de Bourdieu para sua aplicação na reflexão sobre as interações entre os campos de mídia e política, entendidos como espaços estruturados cujas dinâmicas de relacionamento apresentam relações complexas.

Para auxiliar a compreensão quanto a interação dos dois campos, toma-se também o conceito de Bourdieu (1987) sobre *campo político*, no qual o autor identifica o campo como um espaço de forças e lutas que visam transformar ou manter relações, uma vez que segue a lógica de estruturas, estruturadas e estruturantes.

Bourdieu recorre ao estudo do simbólico para elucidar o tipo de dinâmica que ocorre em campos como o político. Na teoria, símbolos são reconhecidos como instrumentos de comunicação e que constituem poder, eles atuam despertando uma ordem que ele chama de *gnosiológica*, que remete ao conhecimento imediato do mundo e permite tanto o entendimento do mundo social quanto a própria integração social. São exemplos destes: o capital social que se baseia nas redes interpessoais; capital cultural, como o acúmulo de conhecimentos seja pela leitura ou formação profissional; capital econômico adquirido pelo acúmulo de finanças.

Ao pensar as barreiras que delimitam este campo, o autor pontua que há um desapossamento econômico e cultural que atua como divisor, evitando a maior participação dos cidadãos no campo político. Bourdieu (1987) aponta que maioria da população não possui acesso ao campo político, devido acesso ao capital cultural, econômico ou o tempo livre necessário para dedicar-se a conhecer mais sobre política, resultando na falta de interesse ou participação no fazer da política.

Essa ausência de interesse viabiliza a construção do campo político como um monopólio de pequenos grupos. A ponte entre esta distancia entre o cidadão comum e o campo político, reside na mídia como colocado por Miguel (2004), que descreve a mídia como o meio mais eficaz para que o cidadão tenha acesso aos acontecimentos do campo político. Contudo, o que chega a população é filtrado de diversas formas, seja pelo filtro da produção da notícia (aqueles que delimitam o quanto pode ser revelado sobre o campo) ou da própria escolha do consumidor, baseada em suas preferências.

Como simplificado por Miguel e Biroli (2011), o campo político:

É um campo de lutas referentes não apenas ao posicionamento e *status* nesse espaço de relações, mas também à conservação ou transformação dos

limites, margens, que estruturam e dão legitimidade às hierarquias reconhecidas e às exclusões sistemáticas.” (MIGUEL; BIROLI, 2001.p.3).

Biroli, também apresenta que a mídia também se configura enquanto campo, nele tomam espaços representações do mundo social:

A mídia pode ser pensada como esfera que participa ativamente da reprodução ou da transformação de práticas, valores e instituições que configuram as formas atuais da representação e da participação política nas democracias e legitimam as formas assumidas pelas relações de gênero.” (BIROLI, 2010.p.46).

Em seus escritos, tanto Miguel quanto Biroli destacam a agência da mídia no que diz respeito à formação da opinião pública, atuando na divulgação de acontecimentos ao mesmo tempo que lança olhares particulares sobre ela, de modo a agradar à sua gama de leitores e seus respectivos interesses sejam culturais, políticos ou econômicos. Essas definições estabelecem como é estreita a aproximação entre campos de mídia e política bem como, a importância de entender as trocas entre eles a imagem e opinião sobre figuras públicas.

3.2 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: POSTULAÇÕES SOBRE A OPINIÃO PÚBLICA

Quando se trata sobre o acesso a informação transmitida pela mídia, Miguel (2004) aponta que existem formas distintas que filtram como as pessoas recebem a informação.

Essa espécie de filtro é atrelada às condições pelas quais a informação chega aos indivíduos, por meios de fatores como: **a)** o que meios de comunicação seleciona como relevante para agregar ao noticiário; **b)** o acaso, este que parte de um lugar de escolha do indivíduo sobre que mídia ele prefere, o que pode ir de acordo com suas ideologias e valores morais. O ponto crucial dessa visão é o destaque dada capacidade de escolha ou sensação de escolha do indivíduo tem sobre o que consome e como pode vir a se igualar com seus pontos de vista.

Para situar sobre esta relação, Miguel (2004) apresenta quatro dimensões que precisam ser consideradas quando se explora como operam as interações entre mídia e política, elucidando como as duas esferas atuam uma sob a outra, transformando as situações constantemente.

Dentre as quatro dimensões, a primeira relembra que a mídia atua como um instrumento fundamental na relação entre a elite política e população, se arquitetando como o veículo que comunica ao público os acontecimentos políticos.

Se estabelecer como principal fonte de comunicação, permitiu que a mídia substituísse esquemas políticos tradicionais e reduzisse o peso dos partidos na hora de bolar estratégias para se comunicar com a população, um exemplo disso seria o horário eleitoral gratuito, uma estratégia que permite que, através de rádio e televisão, o público conheça mesmo que brevemente os candidatos.

A segunda dimensão introduzida contempla como o discurso político veio a se adaptar ao estilo comunicativo da televisão, o que fez que a comunicação entre o político e o cidadão ganhasse um caráter mais pessoal e simples, simultaneamente tornando alguns discursos mais fragmentados, devido tanto à simplicidade e síntese que adequação a propaganda exigiu.

A terceira dimensão tem como alicerce a observação como a mídia pode exercer agência sobre a agenda pública, vindo a condicionar direta ou indiretamente demandas que a população coloquem aos governantes. O que possibilita esse poder quanto a formação de agendas é o processo de seleção do que se transforma em notícia, uma vez que o enfoque dado à notícia pode ser menor ou maior e isso depende das disposições do campo midiático.

A última dimensão abordada, gira em torno da gestão de visibilidade dos atores políticos. Para Miguel (2004) a constância da mídia no acompanhamento da prática política permite a exposição não só de acontecimentos relacionados às práticas públicas dos congressistas, o que demanda o cuidado com a administração de imagem privada também.

Essa dimensão trata-se de como as condutas pessoais precisam ser geridas objetivando que qualquer envolvimento com questões polêmicas se torne invisível, dado o potencial que o envolvimento em escândalos pode arruinar carreiras que dependentes da aprovação pública.

[...] O jogo de influências entre a mídia e a política é complexo, não é unilateral. Mas fica o reconhecimento de que a mídia tornou-se um fator central da vida política contemporânea e que não é possível mudar esse fato” (MIGUEL, 2004.p.7).

As dimensões aqui expostas elucidam e subsidiam o que vem sendo produzido sobre a relação entre os campos da mídia, política e sua interação na formação da opinião pública tanto de acontecimentos isolados quanto dos atores políticos.

Em outra obra, ainda tratando sobre a opinião pública Miguel (2008), trabalha o declínio da confiança da população para com instituições democráticas. Para tratar sobre o tema, resgata o contexto estadunidense de descrença no Estado, embora tratando de uma realidade os estudos sobre o tema se alinham alguns momentos vivenciados no Brasil nesta última década.

Os estudos sobre a desconfiança nos EUA durante os séculos XX – XXI investigavam a abstenção de votos, baixa lealdade partidária, desconfiança com o sistema democrático. Os resultados das explorações se materializaram em um leque de pesquisas apontando como possíveis causas aspectos como o enfrentamento a um período pós Segunda Guerra Mundial / Guerra Fria, virada de valores epistemológicos e os efeitos da ampliação da mídia.

Compreendido como um fator de desconfiança, a mídia a percepção dos autores que Miguel apresenta em seu artigo, desempenha um papel no qual o que releva quanto ao bastidores e o constante acompanhamento das ações e condutas tanto públicas e particulares dos políticos desestimulariam a confiança do público para com a população.

3.3 REFLEXÕES OPINIÃO PÚBLICA E ANÁLISE DE DISCURSO

Para subsidiar a análise do material, aqui se adota como referência o olhar do linguista francês Patrick Charaudeau – fundador da teoria semiolinguística de análise do discurso.

De acordo com Charaudeau (2016), a opinião pública se constitui em uma dualidade, se desenhando como complexa e simples simultaneamente. Sua simplicidade se encontra quando a olhamos como uma questão de opinião, em medida que sua complexidade surge quando

a observamos circular em torno das questões políticas, afinal “em um regime democrático, a vida política reside numa conquista da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2016 p.10).

Encarando a opinião como um julgamento que se dá a nível pessoal ou coletivo, o autor postula que a opinião em si comunica em relação a valores sendo “um ponto de vista quanto a um saber, enuncia a um ponto de vista sobre as verdades do mundo, (...) uma crença” (CHARAUDEAU, 2016 p.33).

Esse saber mencionado pelo linguista vem da subjetividade do locutor, o que nos mostra a opinião como sendo não só subjetiva, é relativa também. Subjetividade dada o saber que a opinião expõe ter como fundo o sistema de crenças daquela pessoa, e relativa por todo ponto de vista ter o seus devidos opostos.

Pensar em opinião coletiva necessita do reconhecimento de que a razão de sua expressão, parte da premissa que ela será compartilhada com o próximo, algo que em si já exclui demarcar opinião pública como uma soma das várias opiniões particulares. Pois, há um caráter heterogêneo presente na própria ideia de uma opinião coletiva.

Charaudeau cita Bourdieu ao lembrar que embora a ‘opinião pública’ resida no singular, e precisa ser compreendida em sua pluralidade, que se dá por ser fragmentada na diversidade. Resumidamente, a opinião pública toma a forma a partir da construção coletiva quanto aos interesses da vida em sociedade e tudo que remete a seu ordenamento político. Podendo ser expressa através de testemunhos e de interpretações dos poderes públicos.

Opinião se constrói no próprio acontecimento. Depende do acontecimento e do grupo que a sustenta. (“...) Também se delinea pelo olhar de quem a contempla” (CHARAUDEAU, 2016.p.43).

Ao se referir ao olhar que contempla a opinião pública, o autor cita as três instâncias que mais usufruem dela para seu benefício, as chamando de “*olhares lançados à opinião pública*”. O primeiro olhar seria dos políticos que notam a opinião pública como massa a ser seduzida, tendo em vista a necessidade de conquista-la para despontar em eleições.

Um segundo olhar seria o da mídia cujo rendimento e produção de conteúdo tem como alicerce o público e necessita manter as expectativas, imaginação e preconceitos de seus ouvintes e em terceiro, por fim as pesquisas de opinião em si com a finalidade de coletar,

categorizar e por ventura mensurar a opinião em dados que possam informar sobre opinião, não necessariamente se configuram como a opinião pública em si.

Outro elemento a ser levantado por Charaudeau (2016) para tratar das questões de opinião pública, é a própria ideia de manipulação, comumente associada ao discurso político quanto ao discurso midiático. Como a opinião pública se alimenta de boa parte dos discursos sobre política que circulam na atualidade, em um sentido geral, a manipulação pode orquestrar uma virada discursiva, momento onde a manipulação é apoiada em estratégias para fazer aquele que intenta convencer, a agir de determinada forma ou optar uma escolha ao invés de outra.

Para Charaudeau (2016), manipular também configura um sentido particular, no qual a incitação faz surgir ou mudar a opinião através de traços que o manipulador escolha não revelar o intento por trás de sua tentativa de convencer alguém. Nesse caso questões como uma posição legitimada; construção de uma imagem de si, dramatização do discurso e estratégias de falsas aparências são componentes que integram o processo de convencimento.

O linguista ressalta que o discurso do manipulador reside na própria organização dos acontecimentos, ou seja, é construído ressaltando argumentos procedentes que capturem a atenção do indivíduo, seja apelando para sua moral ou suas emoções. O que demarca essa forma de comunicar é como esse modo de exposição pode acentuar e despertar sentidos negativos ou positivos no receptor, permitindo que este digira as notícias por um viés emocional antes de critica-lo, uma vez que fala diretamente com o sujeito e sua constituição moral.

O autor ainda recorda como o ato de manipular permeia diversos meios, de modo que não está reservada somente ao campo político e é um elemento que se reproduz nessas diversas áreas da vida cotidiana. Contudo, a manipulação contém uma relação estreita com os três interessados na opinião pública, sendo identificada na instância do mundo político, da mídia e da geração de pesquisa.

No que diz respeito a relações de poder e como se dá manutenção destas, Charaudeau (2016) como as relações de poder vêm a reger e a apaziguar conflitos. Em sua obra poder é definido como uma situação que permite a alguém mudar algo na ordem do mundo ou simplesmente, agir ou submeter o outro. Esse ato de agência sobre o outro, para o francês, é desempenhado por quem é reconhecido e se reconhece como detentor de legitimidade, autoridade e potência.

Legitimação seria o reconhecimento de poder pelo corpo social, um direito de ação cuja finalidade é aceita por todos por se apoiar no reconhecimento e crença coletiva. A legitimação pode ser percebida como transcendental, original, institucional.

Autoridade é definida como uma mescla de qualidades que somadas permitem ao indivíduo utilizar o poder também. As qualidades que viabilizam a autoridade são o *conhecimento* adquirido, que o autor pontua como o “saber” em nível acadêmico a outra é a *competência*, em sentido do saber fazer, ou seja, a sabedora da prática. Por fim, a *experiência* na área onde se deve exercer o poder, qualidade resultante de extensa prática.

Charaudeau também menciona a *potência* como o pressuposto ou segurança que aquele exerce o poder necessita, a potência seria um meio, uma capacidade mais ou menos forte de *poder fazer* dependendo dos recursos da pessoa que quiser agir.

Os aspectos mencionados embasam as colocações de Charaudeau (2016) a respeito da manipulação no mundo político, uma vez que esta acontece ou para a construção e manutenção destas características que viabilizam a chegada e estabilidade em posições de poder ou o inverso.

Para Charaudeau, o discurso nas duas situações mencionadas tende a assumir alguma essência que especifica. Quando direcionado para a obtenção de poder, o discurso se resolve em torno de promessas e da pragmática de carregar novas propostas para o país junto à necessidade de convencer o povo. Para a manutenção do poder, ao realizar o exercício de poder a essência do discurso fica na justificativa, dada a tarefa mediadora própria ao governante de tentar agradar a maior parte do público possível.

Estes esforços de manipulação podem ser entendidos como a tentativa de construção ou resistência de uma imagem pública, uma vez que “Não há ato de linguagem que não passe pela construção de si” (CHARAUDEAU. 2016. p.72).

Aumentar a credibilidade do indivíduo em questão é o que movimenta o discurso de manipulação, no caso dos governantes este aspecto está ligado a constituição de sua legitimidade, pois com a falta de credibilidade o que está em sendo posto em prova é a capacidade do indivíduo de exercer o poder.

Essas expressões de discurso vão de encontro com o postulado por Lima (2012), ao explanar a construção de imagem de Dilma pelo marketing do PT, bem como a repercussão da imagem dela nas redes sociais aparece como uma repercussão e exemplifica como a construção

e interpretação dessas imagens podem ter desdobramentos distintos, pendendo para a desconstrução.

No âmbito da construção dos noticiários, as observações de Charaudeau (2016) são pontuais a respeito da mobilização da manipulação na construção do modo como acontecimentos são divulgados. O autor averigua uma dramatização no campo midiático, na qual os atores políticos tornam-se parte de um espetáculo, transmitido através de seu encaixe em um enredo tal como uma peça de teatro.

Dividindo em atos, Charaudeau, explica que no primeiro ato se revela uma crise ou acontecimento que vem a destacar uma desordem social, que deve ser repreendida e da qual a grande vítima é o público. No segundo, a fonte deste mal é apontada pode ser um grupo, um evento, um indivíduo, mas no ato final, se visa uma opção de ‘salvação’.

O segundo ato, que reside na descrição da fonte desse mal, é a mais próxima ao tema da imagem pública aqui abordada, para Charaudeau, este trecho do noticiário estimula um movimento de estigmatização de formas de representação, de adversários.

Esta forma de enredo também acaba causando direta ou indiretamente, um fenômeno de satanização dos culpados, no qual aquele que é o causador do mal tende a seguir como bode expiatório, seja ele um inimigo interior, esse princípio pode ser aplicado a um governante ou a própria elite política como um todo – tal como explorado por Miguel (2004). Seja como um inimigo exterior, de cunho doutrinário como a ideologia socialista ou algum partido em específico.

O autor explica como esse mini-enredo ocasiona angustia, indignação ou compaixão ao seu receptor, trazendo um intento de exaltar o receptor da notícia mexendo com suas crenças, ferindo sua moral particular.

Conhece-se a imprensa como fonte informação, contudo, um dos principais questionamentos de Charaudeau (2016) cabe à existência da informação objetiva tendo à face da espetacularização. O foco repetitivo, a superatualização e dramatização de histórias em curso podem vir a deturpar a interpretação de situações diversas.

3.4 ANALISE DE CONTEÚDO

Agregar capas de revista como material a ser explorado levanta a necessidade de recorrer à aplicação de uma metodologia bem estruturada para a realização da análise deste material. Para organizar e colher os dados que irão guiar a pesquisa, Bardin (2010) elabora sobre as formas de se trabalhar com a análise do conteúdo em seu livro homônimo.

De acordo com o autor, a análise de conteúdo ocorre em etapas. A primeira seria a organização da análise, momento que se constitui como uma pré-análise na qual o pesquisador deve escolher a documentação, formulando hipóteses, objetivos e começando a operacionalizar ideias.

Sobre escolha da documentação, Bardin (2010) sugere que seja por etapas, começando com a leitura flutuante do tema que permita ao pesquisador realizar uma sondagem inicial do tema, documentos e condições para uma formulação de hipóteses prévias. A segunda etapa é a escolha dos documentos em si, realizada a partir da decisão de qual objeto ou referencial teórico o pesquisador intenta usar.

Uma vez que agregados, a reunião dos documentos constitui o que Bardin (2010) chama de *corpus*, um conjunto de documentos a serem analisados e cuja seleção obedece a lógica de regras que permitem seu agrupamento.

As regras que permitem a constituição do corpus são:

- Regra da exaustividade: na qual com o corpus constituído, é necessário considerar o todo de elementos que tenham envolvimento com este, para a completude a análise.
- Regra da representatividade: tem como base a seleção de uma amostra documental a ser trabalhada.
- Regra da homogeneidade: os documentos devem respeitar critérios de seleção que sigam algum sentido.
- Regra da pertinência: os documentos devem ser adequados e atender às necessidades propostas pela análise,

Segundo Bardin (2010), a etapa final da pré-análise está na elaboração de hipóteses e objetivos para a avaliação do material. O autor entende hipótese como uma afirmação provisória, feita intuitivamente pelo pesquisador e definida antes de iniciar a análise. Os objetivos são compreendidos como uma finalidade geral em que se propõe a realização da análise.

Embora a formulação destes dois tópicos seja importante na fase inicial de uma pesquisa, o autor afirma que ambos podem surgir no decorrer da análise de dados, bem como o trabalho sendo guiados por hipóteses implícitas, pois “formular hipóteses consiste muitas vezes, em explicar e precisar – e, por conseguinte, em dominar dimensões e direções de análise que apesar de tudo funcionam no processo” (BARDIN, 1977. p.90).

As etapas descritas se configuram como um roteiro para preparar a análise do material, estas devem ser elaboradas nos âmbitos materiais e formais – seguindo uma ordem do cunho da edição e filtro do material. Seguindo estes passos, pode-se organizar o material com o propósito de alinhar à proposta da pesquisa, permitindo o início da fase de exploração do material.

A fase de exploração para Bardin (2010) é uma etapa de ação a respeito das decisões definidas durante o processo de pré-análise, consiste em iniciar operações de decodificação, desconto ou enumeração do material em função do que foi definido anteriormente, para facilitar o tratamento dos resultados obtidos.

Examinar os resultados obtidos e os interpretar envolve avaliar quais resultados serão tratados como significativos e válidos, podendo estabelecer quadros com os resultados angariados nas fases iniciais de análise.

A codificação dos dados agregados constitui a maior parcela na análise do conteúdo segundo Bardin (2010), esta parte é um espaço ocupado por análises exploratórias, nele surgem a necessidade da criação de hipóteses e enquadramento da técnica que será usada dentro de um quadro teórico, sendo a união entre “como” (técnica) e o “porque” (teoria).

Por codificação, o autor compreende o ato de tratar do material, ou seja, o transformar seguindo regras precisas, pegando o bruto do texto e através de recorte, agregação ou enumeração, permitir a elaboração de uma representação do conteúdo. Codificar consiste em recortar ao escolher as unidades de análise, a enumera-las selecionando regras de contagem e depois as classificando.

O recorte envolve o que Bardin (2010) nomeia como unidades de registo, elementos que auxiliam a significar e olhar de modo segmentado o documental agregado, tendo o propósito de notar frequências, temas e dados que se relacionem com os objetivos e hipóteses. As unidades de registo são o que permite delimitar o que será

aproveitado do material, pois irá respeitar a semântica e a ordens como palavra e tema, frase e unidades aparecem.

Uma das formas de distinção por unidade de registo é o tema, a unidade de significação que emerge de um texto analisado a partir de critérios relativos à teoria usada como guia de leitura. A realização de uma análise temática aposta em desvelar os “núcleos de sentido” que estabelecem a comunicação e a frequência podem ter significados, um exemplo é o texto, que pode ser recortado e avaliado quanto seu sentido. O tema pode ser utilizado como unidade de registo para o estudo de opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências e etc.

Outra unidade de registo, é o Objeto, trata-se de algum tema eixo que podem ancorar a organização de discursos. Pode-se identificar um tema eixo a partir do que o locutor fornece sobre ele, logo um acontecimento ou um personagem também podem vir a ser estudados como unidade de registo, uma vez que perguntas como “Quem e que ocasião? Com que papel? Em que situação?” podem surgir em sua construção, a unidade personagem pode ser combinada com outras unidades (BARDIN, 1977, p.106).

Acontecimentos também podem se tornar unidade de registo tendo como base as formas como foi narrado, bem como documentos de análise podem se instituir como uma unidade.

Para Bardin (2010) as unidades de registo existem em um ponto de intersecção entre a) Unidades perceptíveis tais como palavra, frase, personagem, acontecimento e; b) unidades semânticas como temas, acontecimentos.

Outro aspecto importante é que o autor conceitua como unidades de contexto, estas auxiliam a compreender a significação daquela unidade de registo sendo analisada. A necessidade de contexto se aplica aos conceitos, ao entendimento de conceitos como liberdade, democracia bem como é necessária para análise avaliativa e de contingência.

Geralmente, quanto maior é a unidade de contexto, mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais numerosas são as co-ocorrências numa análise de contingência. (BARDIN, 1977. p.108)

Contemplar os modos de recorte e codificação do material tem como sequência uma etapa de enumeração que Bardin (2010) apresenta, como a identificação de elementos que no material analisado vem a se destacar pela forma como estão colocados. Se as unidades de registo

estão atreladas a explicação quanto ao que esta se contando, a enumeração nos apresenta o modo de contagem.

São exemplos de enumeração a identificação da aparição de elementos específicos no material de análise, uma forma é a presença, a frequência, ordem, co-ocorrências, frequência ponderada, dentre outras.

Destacam-se a *presença* (ou ausência), a qual se propõe avaliar quais elementos ou temas estão mais presentes no objeto de análise de modo que se possa utilizar sua incidência como indicador. A ausência também é apontada por ser veiculada de sentido, a ausência de elementos em certos tipos de mensagem serve para alguns objetivos de análise, o que constitui a percepção da ausência como um dado importante.

A *frequência* é a medida mais utilizada no processo de análise, se refere a como a importância de uma unidade de registo aumenta conforme sua aparição se torna mais frequente no material sendo analisado.

Há também a *frequência ponderada*, se a aparição de um item é maior que do outro, se recorre a um sistema de ponderação, no qual podemos inculir a alguns itens um peso maior na ponderação. Se a variável for uma palavra e ela está dentro dos objetivos, colocamos ao invés de peso um, um peso dois em sua aparição, o que a destacará e mudará a relação entre as demais palavras. Os resultados então serão diferentes do que quando a frequência é simples.

O que dita a ponderação, pode ser uma decisão anterior a pesquisa, mas também se traduziu nas modalidades de expressão ou tradução de um elemento ou sua *intensidade*. (BARDIN, 1977, p. 110).

“A medida de intensidade com que cada elemento aparece, é indispensável na análise dos valores (ideológicos, tendências) e das atitudes. Se encontrarmos os quatro enunciados que se seguem num estudo de imprensa é necessário diferenciar a intensidade das posições correspondentes. Para facilitar a avaliação da intensidade a se codificar, pode-se apoiar em critérios precisos: intensidade do verbo, tempo do verbo, advérbios.” (BARDIN, 1977, p. 110).

A *direção*, ponderação da frequência traz um cunho quantitativo (da intensidade de aparições), ou qualitativo, a direção. Em um caso de estudo de favoritismo o que ira balizar é a direção, que pode ser favorável, desfavorável ou neutra. São constituídos polos direcionais que podem ser de naturezas opostas, aí se aplicam aos elementos de análise com um sinal ou nota.

A *ordem* de aparição das unidades de registo podem ser um índice relevante, se a está em primeiro lugar e d em segundo, e entre ambos é vista uma relação, significa que pode ali haver uma significação mais importante do que frequência. A ordem se sucessão de elementos também ver a ser útil para constatações.

A *co-ocorrências* é a presença simultânea de unidades de registo em uma unidade de contexto, ela dá conta da distribuição e associação de unidade.

A medida de co-ocorrências (análise de contingencial dá conta da distribuição dos elementos e da sua associação). A distribuição dos elementos pode constituir um ponto de conhecimento, ajudando a notar como eles podem estar dispersos ou unidos aos dados da amostra. A associação tem o propósito de agir como indicador, Bardin postula que os elementos estarão ligados ao espírito ou igualmente associados ao espírito do locutor ou do destinatário.

Existem modalidades qualitativas que ajudam na diferenciada co-ocorrências:

- Associação (elemento a aparece com elemento b);
- Equivalência (elemento a ou elemento d aparecem em um mesmo contexto);
- Oposição (o elemento a nunca aparece com o elemento c).

A proximidade de ocorrência pode ser medida se a encontra a três unidades ou a dois minutos de distancia de b, Considerações: a escolha de uma regra (ou mais) de enumeração assenta numa hipótese de correspondência entre presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação, da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação, da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação, de variáveis inferidas, não linguísticas. É conveniente buscar as formas de correspondência mais pertinentes.

Variáveis de inferência podem se manifestar de várias formas, são atingidas através de níveis diferentes ou complementares, como na análise de imprensa são utilizadas a superfície dos artigos, tamanho de título, frequência de acontecimentos descritos, são modos de codificação e enumeração aptos para elucidar a realidade.

A *distribuição* constitui um ponto de conhecimento, se dois textos apresentam o mesmo número de elementos a, mas no primeiro eles encontram-se dispersos e no segundo em um espaço só do texto, o uso a associação como indicar, vai assentar que.

Para Bardin (2010) as unidades de registo existem em um ponto de intersecção entre a) Unidades perceptíveis tais como palavra, frase, personagem, acontecimento e de b) unidades semânticas como temas, acontecimentos.

O autor também conceitua como unidades de contexto, estas auxiliam a compreender a significação daquela unidade de registo sendo analisada. A necessidade de contexto se aplica aos conceitos, ao entendimento de conceitos como liberdade, democracia bem como é necessária para análise avaliativa e de contingência.

Geralmente quanto maior é a unidade de contexto, mais as atitudes ou valores se afirmam em uma análise avaliativa e mais numerosa são as co-ocorrências numa análise de contingência. (BARDIN, 1977. p.108)

Quanto ao modo de análise, ao definir a análise quantitativa o autor a apresenta como aquela na qual, a frequência de aparição dos elementos, dados descritivos do método estatístico, objetiva, útil em fases de verificação da hipótese dada sua exatidão. Já, a análise qualitativa cabe à presença ou ausência de elementos ser tão frutífero quanto a inferência. Nesta modalidade, os procedimentos são mais intuitivos, maleáveis e adaptáveis aos índices não previstos e a evolução das hipóteses.

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração, das deduções específicas sobre um acontecimento, ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis.” (Bardin, 1979 P. 115).

Quanto às divisões entre formas quantitativas e qualitativas de se elaborar uma pesquisa, Bardin (1979) ressalta que a análise de conteúdo é caracterizada pela inferência, sejam baseadas em indicadores quantitativos ou não, podendo ter a inferência fundada na presença de índices como tema, palavra e personagem. O autor ressalta que a

natureza do material infere no tipo de medida que deve ser tomada sobre ele.

Distinções entre qualitativa e quantitativa, vem do século XX, no qual se compreendia o método de análise quantitativo, tinha como maior especificidade o rigor e quantificação, sendo demarcado.

Partindo para a etapa de categorização do material, de acordo com Bardin (1979), é um processo de categorização que segue com a lógica do que ocorre no cotidiano dos indivíduos, ou seja, implica codificar, condensar representações simplificadas em dados. Logo, categorizar em análise de dados, engloba classificar os elementos que constituem um conjunto, seja por diferenciação ou reagrupamento de acordo com critérios previamente definidos.

Em suma, Bardin (1979), interpreta categorias como rubricas, cujo critério pode ser semântico. O processo de classificar supõe investigar qual ponto existe em comum entre os elementos, de modo que seu agrupamento em uma categoria seja viável.

Este agrupamento demanda que existam critérios para que possa agrupar elementos. O critério que colocamos na categorização é adaptável à realidade do material que o pesquisado detém, vindo a desempenhar um papel singular no processo de categorização.

É demonstrado por Bardin (1979), que a seu ver a categorização é demarcada por duas etapas essenciais:

- a) O inventário – Momento de isolar os elementos;
- b) A classificação – Ato de repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização as mensagens de acordo com critérios.

O autor defende que não necessariamente deve-se seguir estes dois processos em ordem, pois estes tem a capacidade de ser invertidos ao gosto daquele que manuseia os elementos de pesquisa.

Na análise do autor, se destaca a definição de que boas categorias são formuladas a partir de seu embasamento em preceitos como homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade.

É demonstrado que cada um destes elementos compõe uma análise, tornando-a completa.

- Homogeneidade, exclusão mutua depende da homogeneidade das categorias.
- A pertinência é visibilizada quando o material de análise pertence ao quadro teórico definido de forma adequada.
- A objetividade e a fidelidade, estes princípios tidos como muito importantes.

- A objetividade e fidelidade, princípios tidos como muito importantes no início da análise de conteúdo e ainda se mentem válidos, o organizador deve definir de forma transparente as variáveis.
- A produtividade, qualidade pragmática, um conjunto de categorias é produtivo, se fornece resultados férteis.

Notando certo grau de complexidade a aplicação da análise de conteúdo e criação de categorias, o autor aponta como estudiosos vieram a criar sistemas que pudessem simplificar o processo para os pesquisadores, estes, são chamados *índex*.

Os *índex* são explicados por Bardin como grelhas de análise que podem funcionar com diversos materiais, se demonstrando como instrumento flexível aos objetivos do pesquisador. Cada conceito chave – reúne certo número de unidades de significação (palavras, formulas, frases) e representa uma variável da teoria do analista, os conceitos chaves são entendidos por Bardin (1979) como intermediários entre teoria e dados verbais. O *index* pode ser de cunho categorial (trazendo conceitos chaves, palavras classificadas), alfabético (ordenamento alfabético).

A análise fornece informações suplementares ao leitor de uma mensagem para saber mais sobre o texto. O saber mais é colocado como o conhecimento dos quês, quem e porquês. Quando questionando em que aspectos deve-se centrar a análise de conteúdo Bardin (1979) coloca que por um lado mensagem, polo, e seu canal, outro lado emissor e receptor e polos de inferência.

Seguindo a tradição de estudos em comunicação, Bardin (1979) explica que o Emissor é aquele que produz a mensagem, podendo ser um indivíduo ou até uma corporação, ele tem função expressiva e representativa da comunicação, um exemplo de emissor seria o orador. Já, o receptor, aquele a quem a mensagem é direcionada com a finalidade de nele causar alguma ação ou adaptação.

Entre receptor e emissor, Bardin (1979), existe a mensagem. Para o autor, qualquer análise de conteúdo passa pela análise própria da mensagem, pois é esta que constitui o material e ponto de partida / indicador para qualquer ponderação, sem a qual não existiria análise.

Outros aspectos do estudo em comunicação agregam a ideia de código e significação. O código é determinado como um indicador capaz de revelar realidades subjacentes, e a significação é uma passagem pelo estudo do código, não é sempre indispensável, a análise

de conteúdo pode se realizar a partir das significações que a mensagem fornece.

4 ANALISE DE MATERIAL

4.1 PROCESSO DE COLETA E ANALISE DE DADOS

Partindo dos métodos de seleção e exploração de material definidos por Bardin, o processo de coleta, identificação e categorização das capas das revistas VEJA e Carta Capital¹⁷, se deu pautado no período de permanência de Dilma Rousseff na presidência da República, cobrindo os anos de 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e início de 2016.

A categorização foi executada a partir da definição de três categorias formuladas com a intenção de guiar o processo de análise, auxiliando na demarcação e busca de padrões ou repetições na forma com a qual as revistas estruturavam suas capas.

Relembrando que o objeto de análise consiste na capa em si, deixando de lado as matérias enunciadas nas mesmas. Dispondo das capas como objeto de análise, para o processo de categorização foi necessário de isolar os elementos que compunham a capa o que resultou no surgimento das categorias de Imagem Central, Título e subtítulo e Mensagens periféricas.

¹⁷ As capas aqui utilizadas da revista VEJA foram em sua totalidade extraídas do acervo da revista digital da revista, já as capas da Carta Capital foram encontradas e identificadas através de pesquisa *online* e podem não estar completas, dada a ausência de um acervo próprio da revista.

Figura 1. Esquemático de categorias



Fonte: Elaborado pela autora

Imagem central teve como foco um olhar direcionado à imagem e sua composição desprendida do texto com a intenção de notar que tipo de imagem (foto, charge, fotomontagem ou ilustração), edição da imagem, cores utilizadas e formas de apresentação no geral foram utilizadas para a formulação das capas.

Na categoria Título e subtítulo se buscou como a notícia principal era apresentada ao público e o sua relação com Dilma Rousseff bem como, o que podia se supor quanto ao posicionamento do periódico em relação à figura dela.

A última categoria, denominada Mensagens periféricas teve como propósito agrupar os textos que ficavam a margem do foco da capa, localizados acima ou dos lados do conteúdo principal. Nesta categoria, o isolamento se fez necessário para averiguar se havia qualquer ligação deste elemento com os demais apresentados na capa, levando em consideração que sua existência se dá para sinalizar que outras matérias estão no conteúdo da revista.

Tomando as três categorias como norteadoras, foi possível notar que tipos de olhares e narrativas foram lançados pelas mídias selecionadas no que diz respeito da imagem pública da ex-presidenta.

4.2 AS CAPAS DA VEJA E A IMAGEM DA PRESIDENTA

Direcionando o primeiro momento de análise para como a Imagem Central apresentada na revista VEJA, foi notável como a revista faz uso de fotos, foto-montagens e charges como principais formas de expressão para conteúdo da revista.

O uso dos recursos de edição de imagens e ilustrações são ressaltados por possibilitarem à revista criar as imagens de fundo de modo que se relacionem com o enunciado ou falem por si só.

Destrinchando os estilos de imagem usados pela revista, a partir da fotografia, pode-se notar como com esta forma de expressão de imagem o foco reside substancialmente no rosto de Dilma, o qual suas expressões e características faciais são trabalhadas a partir da edição, com uso de propriedades como iluminação, saturação e contraste a edição dotando a imagem de um aspecto mais sério como no exemplo abaixo.

Figura 2. Veja - Edição 2012



Fonte: Acervo Digital da Revista Veja¹⁸

¹⁸ Todas as capas da revista Veja aqui utilizadas, se encontram disponíveis em: < <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions> >.

Figura 3. Veja - Edição 2014



Fonte: Acervo digital da revista Veja

As revistas colocadas lado a lado, embora tendo dois anos de diferença em sua circulação, tornam visível como os aspectos de cor e saturação contribuem para a constituição da imagem central. A revista à direita, traz uma edição e coloração que destaca aspectos que lisojeiam a própria figura de Dilma, o tratamento da pele através da edição, a seleção das cores de fundo claras e azuis e uma saturação que dota a pele de vida, cumprem ali a vinculação de uma entrevista exclusiva com uma líder de Estado. A capa de 2012, é uma excessão em meio a um padrão que se aproxima da cada à esquerda, que circulou em 2014.

Nota-se que à capa da esquerda os tons sombrios e a excessiva palidez e contraste implicado a imagem, mostram uma imagem de cansaço de uma forma que sugere a doença, vilania. Os enquadramentos usualmente focam em expressões sérias, cabisbaixas que remetem a uma ideia de austeridade e que parecem dar por várias vezes destaque a marcas de idade presente em seu rosto bem como a utilização de filtros para edição das fotos que se assemelhem a fotos antigas ou escureçam a foto aumentando o contraste.

Figura 4. Quadro comparativo de imagens centrais



Fonte: Elaborada pela autora com base no Acervo Digital da revista Veja

Outras formas de foco trazem Dilma sorrindo abertamente enquanto os enunciados apontam inconsistências sobre seu governo e pronunciamentos, ou deliberadamente a desmoralizam.

Fotografias a parte, um recurso amplamente utilizado pela revista são as charges para ilustração das capas. Classificadas como um estilo de ilustração que objetiva a expressão de críticas, as charges¹⁹ tem como características marcantes o exagero dos traços e sátira ou ridicularização de indivíduos ou de situações.

Da amostra de capas, há a presença de quatro capas contendo charges como a imagem central. Três destas, direcionadas a sinalizar tensões no governo, as conectando através da ilustração a brincadeiras infantis, transmitindo através da autenticidade da charge uma crítica quanto ao comportamento político pela alegoria da infantilização dos atores. Cabo de guerra, corrida, gangorra e cabra-cega cada qual, apresentando em sua maioria Dilma com uma expressão insatisfeita ou se esforço quanto ao decorrer do jogo.

¹⁹ Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>>

Figura 5. Quadro comparativo - Charges na revista Veja



Fonte: Elaborada pela autora com base no acervo digital da revista VEJA

Dentre todas as charges mencionadas, a de maior destaque revela Dilma vendada com a faixa da república e sorrindo, imagem que sugere um governo às escuras realizado por uma presidenta cego e infantil, alheio à realidade.

Figura 6. Veja - Edição março de 2015



Fonte: Acervo digital da revista Veja

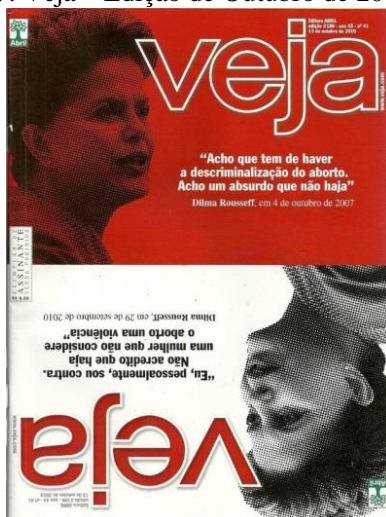
Além do uso de fotos e charges, a VEJA conta com o uso frequente de foto-montagens que consistem no uso de diferentes figuras

para a composição de uma imagem só. No caso de Dilma, essa técnica é amplamente utilizada pela revista que demonstra uma tendência de operar este recurso para aproximar o conteúdo da imagem de modo mais visceral ao enunciado.

Embora todas as capas passem por um tratamento digital, o artifício da montagem além de aproximar imagem e título também abre possibilidades de utilização dos recursos gráficos para elaborar uma capa afinada com intento da revista, neste aspecto o emprego das montagens na capa não se distancia do propósito que as charges carregam.

Uma das primeiras mobilizações das montagens contendo Dilma com a VEJA é marcado pela reprodução da mesma imagem de forma espelhada, apresentando Dilma e afirmações distintas quanto a descriminalização do aborto no Brasil, sugerindo a contraditoriedade de seu posicionamento.

Figura 7. Veja – Edição de Outubro de 2010



Fonte: Acervo digital da revista Veja

Embora as afirmações se demonstrem coerentes, uma que relata ser a favor da descriminalização e outra que aponta esta prática como considerada como uma violência pelas mulheres, duas falas que não se demonstram antagônicas em conteúdo, porém, na imagem são colocadas como opostas, sugerindo que seu posicionamento é contraditório quanto

ao tema. A impressão que fica implicada é da contrariedade, um jogo de duas caras.

Outros exemplos mostram como o recurso pode ser utilizado para sátira e crítica, bem como funciona bem para ligar imagem e enunciado de forma criativa.

Figura 8. Quadro comparativo – Cores



Fonte: Elaborado pela autora a partir do acervo digital da revista Veja

Cores e escolha de imagem também se sobressaem como dados, devido a incidência de algumas cores em situações específicas, o azul é a cor usada, tanto para “esfriar” e aumentar a palidez da capa, quanto como na grande maioria das capas nas quais Dilma aparece de forma mais respeitosa ou séria traz as cor em suas roupas.

O que é um contraponto com capas onde o vermelho aparece seja na vestimenta ou na fonte das letras como destaque, resgatando a capa sobre descriminalização do aborto, na qual o vermelho aparece enquanto a parte favorável. Sendo de longa data a cor bandeira dos movimentos da esquerda política e do PT em si, é figura repetida em destaques de texto ou na vestimenta de Dilma nos momentos de desmoralização.

Dado o panorama das imagens centrais, observa-se como estão associadas aos títulos e subtítulos, enunciados que apresentam a manchete de destaque da revista.

Com referencia aos dados que a avaliação dos títulos e subtítulos foi possível delinear como a revista comunica por meio do texto a ideia de desconfiança nas ações de Dilma como presidenta. São comuns os usos de adjetivações e narrativas que levantam aspectos como descaso, irresponsabilidade, contraditoriedade que promovem o conceito de uma governante relapsa ou em oposição ao qualquer que seja um rumo correto para o país. Essa forma de exposição evolui a

medida que a crise no governo se acentua, trazendo maior associando mensagens quanto a um governo solitário, parlamento corrupto, escolhas duvidosas, falta de apoio interno ao e externo.

A integração entre imagem central e título e subtítulo previsivelmente demonstra a capacidade criativa da revista em comunicar ao público uma percepção com base em seu conjunto de posicionamentos enquanto periódico que trata da política brasileira.

Sobre as mensagens periféricas, aquelas pequenas chamadas para outras matérias no conteúdo do periódico, foram investigadas com a indagação “será que essas mensagens também são utilizadas como uma forma de reforçar as mensagens da imagem central ou título e subtítulo?”.

Buscando a resposta para a pergunta, foi notado que a revista usualmente ou expõe mensagens que vão em direção ao tema do título (ex: uma manchete quanto à um escândalo de corrupção, traz uma mensagem sobre outro em andamento) ou o mais incidente, que é a apresentação de uma notícia diferente, mas que serve como um ponto de comparação.

A última forma de apresentação das mensagens periféricas aponta como a revista trabalha como se estivesse explorando opostos, são casos que ilustram isso a manchete que atesta o fiasco da economia brasileira na capa, simultaneamente mostrando em sua mensagem periférica como uma unidade de comparação, mostrando algum outro lugar ou ator com uma narrativa de sucesso sobre algum assunto similar ou que tangencia a mensagem principal.

São exemplos disso a capa na qual Dilma é criticada pela inflação e em mensagem periférica aparece a imagem de Margaret Thatcher ao lado da notícia “como Thatcher salvou a economia britânica”.

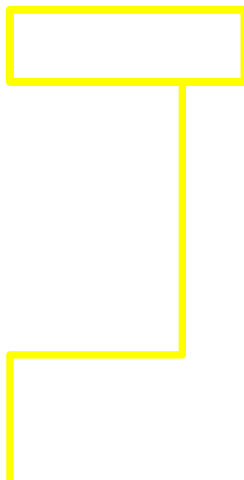


Figura 9. Esquemático - Imagens periféricas



Fonte: Elaborado pela autora

Essas mensagens podem ser reconhecidas como meio de comparação, enaltecendo algo que faça um contraponto com a matéria de capa, como elogiar uma experiência exitosa de outro país na economia enquanto a capa trata da crise econômica local. O posicionamento de duas mensagens distintas parece conectar um paralelo que apresenta uma noção de certo e errado, colocando a forma com a qual o governo atual age como um na direção oposta ao progresso.

Em suma, a revista VEJA mantém uma linearidade nas representações de Dilma, embora trabalhe com uma denotação pejorativa na maioria das capas e carrega críticas incisivas a sua administração e sua figura, a revista deliberadamente expõe uma sucessão de críticas que não oscilam ou diminuem durante todo o período da amostra de capas selecionadas.

Tendo em vista o panorama pode-se avaliar que ao menos no que cabe julgar as capas das revistas a VEJA trazem dados enquanto ao estímulo da desconfiança na elite política e a espetacularização dos

acontecimentos. As críticas e imagens desqualificam Dilma Rousseff colocando em cheque sua competência, moral e coerência.

As capas expressaram continuamente mensagens de irresponsabilidade, descaso, desatualização e corrupção da então presidenta. É notável que o princípio que baliza a força das críticas está nos momentos de crise, principalmente no setor econômico. Em uma das capas, se sugere que a então presidenta teria apenas o poder e não conhecimento necessário para tomar as medidas supostamente necessárias para a melhora do setor econômico, retomando à antiga narrativa do não lugar da mulher na política.

Figura 10 . Veja - Janeiro de 2015



Fonte: Acervo digital da revista Veja

Irresponsabilidade e infantilização também são mensagens recorrentes, expostos pelas charges tal como, a solidão da falta de apoio parlamentar e popular é levantada como um péssimo para o governo.

Amplamente fica evidente como a VEJA utilizado enredo mencionado por Charaudeau, posicionando Dilma como problema e impedimento para resolução da desordem social, também a colocando como bode expiatório.

4.3 AS CAPAS DA CARTA CAPITAL E A IMAGEM DA PRESIDENTA.

A composição das Imagens Centrais das revistas da Carta Capital, os recursos visuais utilizados são os mesmos explorados pela VEJA, fotomontagem, charge e fotografia cumprem o mesmo propósito para este periódico também. Apesar da utilização, o modo utilizado é diferente, na Carta as capas são marcadas em sua maioria por seus tons claros e enunciados afinados com o posicionamento político da revista, geralmente favorável a gestão petista.

Nas capas com Dilma a ideia de tons claros e fotos bem tratadas é um imperativo durante o primeiro mandato, as imagens são mais suaves e isso pode ser notado nas escolhas de fundo, das expressões, nas cores das roupas de Dilma. As expressões captadas são de confiança, de serenidade e por vezes até carismáticas, um item que é amplamente utilizado é o aceno que reforça o conceito de líder de Estado respeitável que a revista aparenta transmitir.

Figura 11. Quadro comparativo imagens centrais - Carta Capital



Fonte: Elaboração autora

As três capas acima, são oriundas do ano de 2011 e permitem ilustrar como a revista a enaltece enquanto uma governante capaz e até declara o apoio à sua candidatura, trazendo uma imagem mais benevolente para a gestora.

Fora o modo de tratamento de imagem usado pela Carta Capital, a revista também faz o uso de montagens e charges, contudo pode-se averiguar que a equipe da revista recorre a este recurso em momentos de crítica.

Figura 12. Quadro comparativo de foto-montagens na Carta Capital



Fonte: Elaborado pela autora

De modo geral o uso de foto-montagens na Carta Capital segue com a premissa de levantar a crítica ou sátira, as imagens são editadas para mencionar percalços e crises durante o governo. No uso deste estilo, o largo apoio e uso de tonalidades mais claras tem uma baixa e dá lugar a imagens com expressões mais fechadas, confusas e sérias que se afinadas com momentos de crise que o governo começa a passar a partir de 2013.

As montagens desconstroem a imagem confiante anterior trazendo confusão, chacota e ideia de desgoverno. A forma de comunicar períodos de maior tensão na gestão surge através de recursos artísticos e irreverentes como a charge e o uso de símbolo que representam Dilma.

Figura 13. Carta Capital - Outubro de 2012



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia²⁰

Figura 14. Carta Capital - Setembro de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia²¹

²⁰ Disponível em:

<<https://www.tce.ba.gov.br/biblioteca/servicos/sumarioperiodicos/sumario/visualizar/39/>>

²¹ Disponível em

<<https://www.tce.ba.gov.br/biblioteca/servicos/sumarioperiodicos/sumario/visualizar/84/>>

Das duas charges usadas pela revista, se nota um estilo de representação mais sombrio. Na capa de circulação em 2012 (direita) na qual Dilma monta em um elefante apavorado, Dilma é retratada beirando a loucura ao tentar fazer o elefante ir em frente. Já em 2015, a capa que traz os malabaristas em apuros a revela com feições mais gentis à medida que os formadores da base da pirâmide têm aparência descontente com a situação e Dilma está prestes a cair, se apoiando só em Temer.

Junto com as fotos, na amostra de capas provenientes da Carta Capital, podemos encontrar a mobilização de montagens, estas, que surgem em momentos em que o editorial vem expor críticas à gestão ou comunicar sobre os cenários caóticos quanto a realidade administrativa do país.

Um primeiro exemplo da utilização de montagens nas capas vinculadas em julho de 2011, a composição explora a montagem que descontextualiza fotos as articulando de modo que se integrem melhor ao enunciado, a edição em questão simula um afastamento entre Lula e Dilma a partir de imagens distintas dos dois que são colocadas de forma que ambos seguem caminhos opostos. Tal elucidação vai de encontro ao enunciado “Dilma trilhar seu próprio caminho”.

Figura 15. Carta Capital - Julho de 2011



Fonte: website da Carta Capital²²

²² Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/revista/654>>

Salvo esta, outras montagens tomam lugar nos momentos de crise e críticas mais incisivas à Dilma, ambas de 2015, um período de grande tensão em relação a sua gestão.

O destaque na forma de retratar Dilma Rousseff pela Carta Capital torna-se interessante quando colocada em perspectiva como a reprodução das imagens mudam de acordo com o momento político. Salvo esta, outras montagens tomam lugar nos momentos de crise e críticas mais incisivas à Dilma, ambas de 2015, um período de grande tensão em relação a sua gestão.

Figura 16. Quadro comparativo de foto-montagens - Carta Capital 2



Fonte: Elaborado pela autora

As imagens mais claras de apoio que mostram Dilma como uma política confiável, calma e fortalecem a manutenção de uma imagem de uma presidenta respeitável. Contudo, de 2012 em diante as formas de representação seguem um fluxo relacionado ao posicionamento da revista quanto às decisões / situações no governo. Esse aspecto institui que entre os momentos de enaltecimento da gestão críticas a ações do governo censuráveis, o que resulta em um maior uso de charges e foto-montagens para a composição das capas.

A primeira charge vinculada à revista que apresenta Dilma montada em um elefante, consegue ser mais chocante do que algumas utilizadas pela VEJA dado o peso da imagem de completo e a expressão de total descontrole do desenho. Esta capa se mantém como um divisor entre o total apoio e o início de outras abordagens.

Com a chegada de 2014 e a campanha presidencial, embora Dilma apareça frequentemente a repetição de imagens se conecta mais com a corrida presidencial em si, onde todos os candidatos são

satirizados e onde a imagem de Dilma retorna brevemente aos bons enfoques e confiança.

A transição em 2014 e 2015 marca o período no qual o fluxo de representação muda para a crítica constante, por entremeio das montagens a revista exerce suas críticas à Dilma e apresenta a imagem de uma governante em conflito, confusa e desajustada para sua posição.

Essa é uma narrativa que perdura até Cunha realizar o aceite do processo de impeachment objetivando a destituir do cargo por crime de responsabilidade fiscal, deste ponto à frente, a revista recua e volta a demonstrar apoio à Dilma e aponta pelas manchetes o entendimento da posição como um golpe contra a democracia.

A categoria de mensagem periféricas na revista apresenta características semelhantes às observadas na VEJA, trazendo notícias adjacentes à principal como um ponto de comparação, a diferença é em como nos momentos de enaltecimento do governo Dilma a revista faz uso de escândalos de outros setores para mostrar a revista em um lado melhor.

Os tons trabalhados pela revista oscilam entre capas carregadas com cores mais claras ou bem escuras, dentre elas o vermelho torna-se um elemento que se repete casualmente, usualmente está sempre associado à Dilma.

Figura 17. Quadro comparativo - cores na Carta Capital



Fonte: Elaborado pela autora

Na trajetória de capas postas em linha do tempo, podemos averiguar que a revista visa um enfoque apresenta Dilma sob a luz do apoio da revista à sua gestão e ações como presidenta. As escolhas de

imagens tendem a trazer fotografias onde Rousseff se apresenta tranquila ou sorridente, transmitindo ideia de confiança. É notável a presença destas imagens segue de acordo com a concordância que o editorial com o modo de gestão, o que vai de encontro a manchetes que destacam ações de Dilma como uma líder com personalidade e assertividade.

4.4 COMPARANDO APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS NO CONTEÚDO DAS DUAS MÍDIAS.

O comparativo entre VEJA e Carta Capital aponta para duas formas de fazer mídia, como pressuposto há um contraste de abordagem da parte de cada periódico o que se dá quando consideramos como os conteúdos produzidos estão afinados a diferentes formas de interpretação do governo e até de entendimento do que é uma gestão bem sucedida. Para tornar mais visível a incidência de temas, o quadro a seguir apresenta os temas gerais das matérias e a incidência com que ocorreram na revista.

Figura 18. Quadro comparativo mensagens na Veja e Carta Capital

Tema Geral	VEJA	Carta Capital
Apoio	1	-
Corrupção	2	2
Crise parlamentar	5	4
Eleições	3	4
Entrevista	1	3
Governabilidade	5	9
Polêmicas de opinião	1	-

Fonte: Elaborado pela autora

Embora com abordagens diferentes, as revistas apresentam a incidência de temas gerais da mesma ordem e temas Governabilidade, Crise conjuntural e Corrupção são recorrentes nos dois periódicos.

A VEJA joga com a crítica constante a partir da qual se cria uma sensação do governante como antagonista e estimula a desconfiança e descrédito sob este. As imagens demarcam esse

acompanhamento e uma forma de romanização, alinhada as ideias de Charaudeau quanto a transmissão do fato político como um história.

Em detrimento, a Carta Capital acaba demonstrando mais nuances na sua forma de representação, demonstrando um apoio quase incondicional ao enaltecer ações e contribuir para uma visão respeitável de Dilma que se ausenta quando o governo sai da rota de ações apoiada pela revista, as críticas e maneiras de representação se equiparam com a VEJA em termos de crítica.

Observa-se também como os periódicos fazem um uso curioso da cor vermelho, ao passo que a revista VEJA adorna Dilma com cor em suas vestimentas em edições que a tem como razão de crítica e desmoralização, a Carta faz um uso similar que além de algumas edições de crise também a colocam como empoderadora. Ao invés do vermelho, o que a Carta Capital usa, são tons azuis e mais claros para fazer referencias que qualificam o trabalho de Dilma enquanto presidente e posteriormente a apresentam como vítima.

O entendimento entre impeachment / golpe se destaca como um muro de diferença entre os dois periódicos, no período do processo circulando no supremo, a VEJA se articula trazendo mais críticas e apresentando o governo de Dilma como irreparável e terminado. Já, a Carta Capital recua nas críticas e volta demonstrar apoio para Rousseff e vincula ao menos duas entrevistas exclusivas sobre o tema, se posicionando contra o impeachment e o entendendo como golpe à democracia brasileira.

Figura 19. Capa de Abril de 2016 - VEJA / Capa de Julho de 2016 - Carta Capital



Fonte: Acervo digital da revista Veja e website da Carta Capital²³

²³ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/revista/909> >

Os fundamentos base das diferenças podem ser percebidos no entendimento ideológico das revistas sobre o que é importante para Brasil, a Carta Capital destaca a imagem de líder forte e trás as ações do primeiro mandato de Dilma como avanços à medida que a VEJA se demonstra hiperfocada no andamento da economia do país, tomando esta para balizar a qualidade do cenário político.

A comparação entre as revistas teve como cerne a percepção de cada uma age de forma distinta ao fazer jornalismo. Nesta comparação é necessário ressaltar, que o contexto de formação das revistas anteriormente mencionado, a forma da Carta Capital foi um movimento de se criar no mercado uma revista que oposição a VEJA.

Ressalta-se, que um dos objetivos de exploração, perceber quanto ao uso da imagem pública tendo como bases a desmoralizar com bases machistas ou não, é algo que não é avaliado como uma escolha direta. Escolha de capas e simbolismos são bem sutis e aparecem em ambas as revistas de formas discretas, trazendo elementos do feminino como vestimenta ou fatores como o peso para trabalhar alguns temas.

Figura 20. Carta Capital - novembro de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – TCE da Bahia²⁴

²⁴ Disponível em:

<<https://www.tce.ba.gov.br/biblioteca/servicos/sumarioperiodicos/sumario/visualizar/72/>>

Figura 21. Carta Capital - Julho de 2015



Fonte: Website da Carta Capital²⁵

É notável a conexão quanto a forma de apresentação das notícias nas revistas e sua relação com a teoria de Charaudeau sobre os modos com que as mídias podem atuar para formação da opinião pública. A VEJA vai de encontro a falas do autor sobre como o jogo de manipulação pode apelar para a moral do cidadão, processo que auxilia a desconstrução das instancias que a incutem de poder.

Figura 22. Quadro comparativo Veja



Fonte: Elaboração da autora a partir do acervo digital da revista VEJA

²⁵ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/revista/860> >

Isso ocorre em momentos em que a revista atrela o nome da presidente a afirmações contraditórias, esquemas de corrupção e destaca enquanto não qualificada para exercício de sua função. Este tipo de vinculação destitui Dilma de alguns dos aspectos que o autor aponta como fundamentos para uso do poder, logo, estes usos desestimulam o reconhecimento de sua autoridade e a deslegitimam.

Enquanto a VEJA utiliza de seus recursos para deslegitimar, a Carta atua promovendo a reconhecimento de ações que estabilizam a mostram como uma chefe de Estado competente e potente em si mesma. Trazendo a imagem uma Dilma digna de confiança.

A estratégia de cunho teatral descrita por Charaudeau também surge quando os permite. A VEJA opera com a evidenciação de desordem sociais que posicionam o público enquanto vítima, aponta culpados e possíveis salvaçãoes. Uma destas é o jogo no qual se aponta a bagunça / desajuste no país como a desordem no país e Dilma como culpada.

A descrição da desordem sempre se demonstra causada pelo apelo que exerce para com o emocional e moral do público, os fazendo rechaçar aquele que causa o problema.

5. Considerações Finais

Estudar as capas dos periódicos VEJA e CARTA CAPITAL, se pautou na busca pelos discursos apresentados pelos periódicos através das capas de revista com a presença de Dilma Rousseff.

Se debruçar sobre esta temática levou ao percurso para o entendimento de dinâmicas amplas entre os campos da mídia e política. Tomando o conceito de campo elaborado por Bourdieu, tornou-se possível subsidiar o olhar mais amplo em relação ao modo como os dois campos se relacionam, compreendendo-os como dotados de suas próprias regras, hierarquias e *modus operandi* que vem a interagir em atuações que os complexificam.

Pautadas por conflitos e jogos de poder, as formas de atuação entre mídia e política desvelam os meios como movimentos de disputa, produção e destituição do poder político podem ser articulados e trazidos ao público através de instrumentos discursivos.

Para tal, contemplar quais estratégias discursivas havia sido exploradas por periódicos, considerados no consenso como detentores de visões distintas sobre a sociedade, permitiu observar o quão à face de diferentes *ethos* os modos de realizar jornalismo podem transitar.

Resgatando os apontamentos de Miguel quanto aos dois campos, o reconhecimento da imprensa como desencadeadora de um processo de declínio de confiança da população para com a classe política e no Estado democrático se faz visível na avaliação da proposta desta pesquisa ao estudar a vinculação da imagem de Dilma Rousseff a periódicos, o que não cabe somente a ela, relembrando como surgem as repetidas notícias periféricas quanto à corrupção são constantemente ressaltadas.

Do declínio de confiança e além, a reflexão sobre as formas de construção de uma imagem pública, necessitam do reconhecimento em questão ao prisma de desdobramentos que pode exercer, seja na ocasião de vinculação às mídias, ao marketing partidário e, sobretudo à população.

Averigua-se que muito da repercussão da imagem pública seja em seu enaltecimento ou decadência se atrela aos postulados de Charaudeau quanto à criação e manutenção do poder através da imagem, apontando qualidades como legitimidade, autoridade e potência como os veículos de manutenção e plena execução do poder.

O modo de transmissão da notícia ao público também é reconhecido como apelativo ao choque emocional e moral do receptor da notícia, o

que potencializa o movimento de declínio de confiança explicitado por Miguel.

No caso de Dilma, seu marketing de campanha tentara instituir uma ideia inicial de sua figura sob o epíteto de mãe do Brasil e gestora competente, uma noção que vai de encontro à tentativa de obedecer ao necessário à apresentação de uma líder de Estado firme, afável e em uma relação de cuidado com o povo. Contudo, a imagem da mesma mulher alcança às revistas de forma distinta, o que está intrinsecamente ligado ao tipo de posicionamento político do periódico, que apesar de não explícito se faz implícito em suas formas de expressar.

Os discursos vinculados à neoliberalista VEJA se pautam na constante desqualificação e desconfiança da figura de Rousseff, por entremeios de suas seleções imaginéticas e enunciados a desaprovação das ações de Dilma destrói a ideia de uma gestora forte e capaz de governar, a retratando através de chacotas e apontamentos enquanto incompetente para ocupar sua posição.

Bem como, vem a estimular incisivamente o declínio de confiança na figura enquanto à época do *impeachment*. Já, a Carta Capital conhecida como esquerdista em primeiro momento enaltece a imagem da gestão de Dilma, mas também opera críticas similares ao estilo da VEJA quando o governo toma caminhos ao contra gosto de suas orientações políticas, demonstrando-se volátil em sua forma de criticar.

Embora sendo a primeira experiência do Brasil com uma mulher na presidência, a análise resultou na amostra de como os elementos remetentes ao feminino foram trazidos de forma simbólica e poucas vezes tão explícitos ao ponto de tomarem o protagonismo do estudo, contudo, a constante desqualificação aplicada a Dilma não desvia do que é conhecido como um constante enfrentamento das mulheres vinculadas à política e expressão do machismo velado que ocorre neste meio.

Olhando fundo a forma da representação de Dilma nas categorias gerais, os repetidos questionamentos quanto à sua competência se ligam justamente a uma constante de negação do lugar da mulher na prática política, revelando mesmo que superficialmente dados sobre a hostilidade deste ambiente. Destaca-se também a vinculação com o Partido dos Trabalhadores como um fator recorrentemente exposto como negativo, em especial na revista VEJA, que parecem buscar o despertar de aversão não só a Dilma, mas todos os vinculados ao nome do partido.

De modo geral, considera-se que em sua maioria os discursos das revistas estiveram fortemente pautados em questões a respeito da

governabilidade da gestão Dilma, fazendo uso de recursos para atuar se opondo ou demonstrando predileção pelos métodos de governar exercidos pela presidenta. As críticas e suas frequências aumentaram tendo como panorama o cenário da crise política brasileira, o que ressaltou o uso da teatralização dos periódicos, revelando a fragilidade da manutenção de uma imagem pública frente a contextos inférteis e o potencial da imprensa brasileira na acentuação da desconfiança e da ruína de figuras públicas.

Dadas as colocações, ficam as reflexões em aberto sobre o quão necessário é realizar o exercício do questionamento acerca das disposições que compõe os veículos de informações bem como a atenção à constante observação de como as notícias vem sido construídas. Sobretudo, considerando também quais seriam os limites da espetacularização de alguns eventos ou da própria.

6 Referências

Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 (Trabalho original publicado em 1977).

BIROLI, Flávia. **Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos** in: Cadernos Pagu. Campinas - SP. nº 32, 2010. p.269 -299

7BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. **In: Revista Crítica de Ciências Sociais.** 90 | 2010, 45-69

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas.** Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016. 192 p.

LINS, Neilton Faria. **Os ditos e não ditos nas capas da ISTOÉ e VEJA.** Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. nº 17, 2013.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUCO, Gabriela. **Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil** in Revista Sociologia e Política. V 21, nº45; Curitiba, 2013. P. 149 – 165.

MENEGUELLO, Rachel. **PT: A formação de um partido: 1979-1982.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MIGUEL, Luis Felipe. **A mídia e o declínio da confiança política.** Sociologias, Porto Alegre, ano 10, nº 19, jan/jun 2008. P. 250 - 273.

MIGUEL, Luis Felipe. **Dossiê “Mídia e política”.** Revista Sociologia política, Curitiba, nº 22, jun 2004. P. 7-12.

MIGUEL, L. F. e BIROLI, F. **Gênero e política na mídia brasileira.** Paper apresentado no II Congresso da Associação Brasileira de

Pesquisadores de Comunicação e Política (COMPOLÍTICA). Belo Horizonte, 4 a 6 de dezembro, 2007.

OLIVEIRA, Vânia M.R. de; CAMPISTA, Valesca do R. **O silêncio: multiplicidade de sentidos** In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. pp.107-120.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A construção da imagem pública de Dilma Rousseff no ciberespaço: misoginia, estereótipos e relações de gênero.**

GOMES, Wilson da Silva. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo, Paulus, 2004.

PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. **A construção da imagem de Dilma Rousseff como mãe do povo brasileiro.** Revista Debates, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 139-162, jan-jun-2011.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira. **Imaginético e discursivo: Uma análise da capa da revista NOVA ESCOLA.** REvista Linguagem, São Carlos, nº 11, Nov/Set. 2009. P.

Sites consultados

Biografia da ex-presidente Dilma Rousseff. In: Planalto: Presidência da República. 2017. Disponível: < <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia> >. Acesso em 15. out.2017.

Carta Capital In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ CartaCapital> >. Acesso em: 15 out. 2017.

Charge In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ Charge> >. Acesso em: 15 out. 2017.

De aprovação recorde ao impeachment: lembre os principais momentos do governo Dilma in: BBC Brasil. 2016. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37207258> >. Acesso em 15.out.2017.

Dilma Rousseff In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff >. Acesso em: 15 out. 2017.

Dilma Rousseff Impeachment In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff#Impeachment>. Acesso em: 15 out. 2017

O AI-5. In: CPDOC| FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5> >. Acesso em 15.out.2017.

Placar das Eleições de 2010. 2010. Disponível em: <<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2010/2turno/> >. Acesso 12.out.2017.

Protestos no Brasil em 2013 In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013>. Acesso em: 15 out. 2017

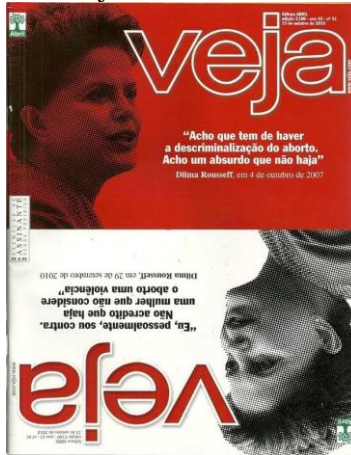
Revista Veja In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>>. Acesso em: 15 out. 2017.

THUSWOHL, Maurício. **Impeachment de Dilma é golpe de Estado, decide Tribunal Internacional.** In: Rede Brasil Atual. 2016.

Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/07/impeachment-de-dilma-e-golpe-de-estado-decide-tribunal-internacional-2792.html> >. Acesso 12.out.2017.

8 Anexos

Anexo 1. Veja - Outubro de 2010



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 2. Veja - Março de 2012



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

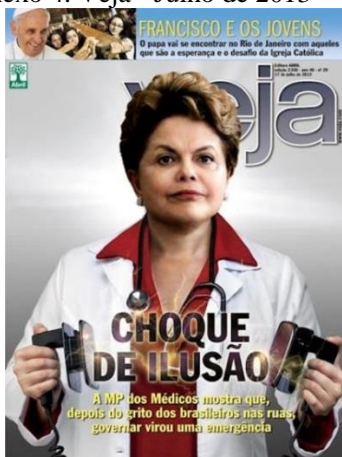
10

Anexo 3. Veja - Abril de 2013



11

Acervo digital da Revista Veja
Anexo 4. Veja - Julho de 2013



Acervo digital da Revista Veja

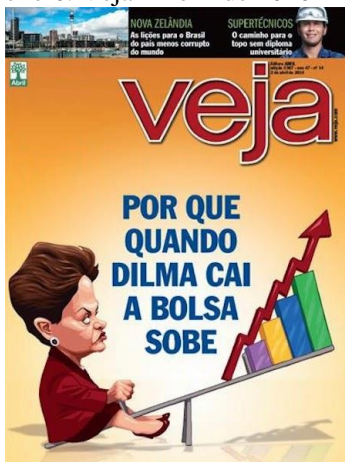
12

Anexo 5. Veja - Abril de 2014



13

Fonte: Acervo digital da Revista Veja
Anexo 6. Veja - Abril de 2010



Acervo digital da Revista Veja

Anexo 7. Veja - Abril de 2014



Fonte: Acervo digital da Revista Veja
Anexo 8. Veja - Julho de 2014



Fonte: Acervo digital da Revista Veja
Anexo 9. Veja - Novembro de 2014



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 10. Veja - Outubro 2014



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 11. Novembro de 2014



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 12. Veja - Janeiro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 13. Veja - Janeiro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 14. Veja – Março de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 15. Veja - Julho de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 16. Veja - Outubro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 17. Veja - Outubro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 18. Veja - Dezembro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 19. Veja - Dezembro de 2015



Fonte: Acervo digital da Revista Veja
Anexo 20. Veja - Abril de 2016



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 21. Veja - Abril de 2016



Fonte: Acervo digital da Revista Veja

Anexo 22. Carta Capital - Julho de 2010



Fonte Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 23. Carta Capital - Novembro de 2010



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 24. Carta Capital - Junho de 2011



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 25. Carta Capital - Junho de 2011



Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 26. Carta Capital - Julho 2011



Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 27. Carta Capital - Setembro de 2011



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 28. Carta Capital - Setembro de 2011



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 29. Carta Capital - Setembro de 2012



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 30. Carta Capital - Novembro de 2012



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 31. Carta Capital - Abril de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 32. Carta Capital - Julho de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 33. Carta Capital - Agosto de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 34. Carta Capital - Agosto de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 35. Carta Capital - Agosto de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 36. Carta Capital - Novembro de 2014



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 37. Carta Capital - Março de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 38. Carta Capital - Maio de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas
do Estado da Bahia

Anexo 39. Carta Capital - Agosto de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 40. Carta Capital – Setembro de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 41. Carta Capital - Outubro de 2015



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 42. Carta Capital - Maio de 2016



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 43. Carta Capital - Julho de 2016



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 44. Carta Capital - Julho de 2016



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia

Anexo 45. Carta Capital - Outubro de 2016



Fonte: Sumário de periódicos – Biblioteca do Tribunal de Contas do Estado da Bahia